

**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

ANA LUISA MENNA BARRETO AMIL

**EU, MINHAS CASAS E MINHAS COISAS: ARTICULAÇÕES ENTRE CONSUMO E
SEGURANÇA ONTOLÓGICA DE EXPATRIADOS BRASILEIROS**

Rio de Janeiro

2020

ANA LUISA MENNA BARRETO AMIL

**EU, MINHAS CASAS E MINHAS COISAS: ARTICULAÇÕES ENTRE CONSUMO E
SEGURANÇA ONTOLÓGICA DE EXPATRIADOS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade do Grande Rio, como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de mestre em Administração.

Orientador Acadêmico: Prof. Dr. João Felipe Rammelt Sauerbronn

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

A516e Amil, Ana Luisa Menna Barreto.
 Eu, minhas casas e minhas coisas : articulações entre consumo e
 segurança ontológica de expatriados brasileiros / Ana Luisa Menna Barreto
 Amil. – 2020.
 80 f. : il. ; 31 cm.

 Dissertação (mestrado em Administração) – Universidade do Grande
 Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Ciências Sociais e Aplicadas,
 Rio de Janeiro, 2020.
 “Orientador Acadêmico: Prof. Dr. João Felipe Rammelt Sauerbronn”.
 Referências: f. 73.

 1. Administração. 2. Expatriação. 3. Consumo. 4. Ontologia. I.
 Sauerbronn, João Felipe. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de
 Souza Herdy”. III. Título.

CDD - 658

Ana Luisa Menna Barreto Amil

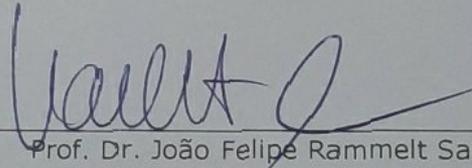
"Eu, Minhas Casas e Minhas Coisas: Articulações Entre Consumo e Segurança Ontológica de Expatriados Brasileiros"

Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Mestre em Administração.

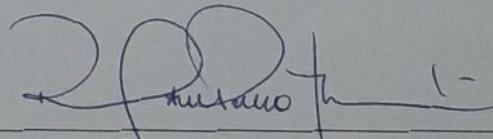
Área de Concentração:
Gestão Organizacional.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2020.

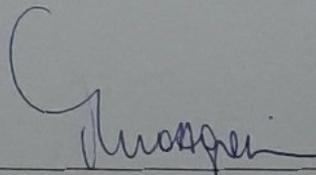
Banca Examinadora



Prof. Dr. João Felipe Rammelt Sauerbronn
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO



Prof.ª Dr.ª Rejane Prevot Nascimento
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO



Prof.ª Dr.ª Tania Maria de Oliveira Almeida Gouveia
Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

*Aos meus familiares que estiveram comigo, dando apoio neste projeto em que me ausentei
de muitos momentos de convivência.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que sempre me revela o quanto eu posso ir mais adiante.

Ao meu filho amado, Rodrigo Menna Barreto Amil, por participar da minha vida e torcer sempre por mim.

A minha nora querida, que dedicou do seu tempo para fazer a revisão final do trabalho.

A minha netinha do coração, que me presenteia sempre com seu sorriso, na volta para casa depois de tanta dedicação de tempo neste trabalho.

Ao meu primeiro orientador, Prof. Eduardo Ayrosa, pelo estímulo, por me fazer acreditar que eu conseguiria e pela sua riqueza de conhecimentos.

Ao apoio recebido pela coordenadora Rejane Prevot Nascimento e pelo meu novo orientador Prof. João Felipe, na troca de orientação, me senti amparada por ambos.

A minha querida amiga Verônica Perisse Nolasco, que proporcionou a minha primeira experiência como docente.

Ao programa CAPES, pelo apoio financeiro, sem o qual eu não poderia estar realizando este sonho.

A Unigranrio por todo o escopo do curso oferecido, foi uma experiência maravilhosa conviver com todos os amigos que fiz e com professores super capacitados. Já sinto saudades.

Por fim, a todas outras pessoas que contribuíram de alguma forma para este sonho se concretizar.

RESUMO

A desmobilização de espaço e lugar, vivenciada por expatriados - definidos como pessoas pertencentes a organizações internacionais ou expatriados autoiniciados, isto é, pessoas com qualificação profissional, em alguns casos no início de carreira, insatisfeitos com aspectos políticos, econômicos ou relacionados à segurança no seu país, que decidem por conta própria buscar um novo cenário profissional, uma oportunidade no exterior em busca de uma nova vida, de uma realização pessoal e profissional - traz no pacote um impacto de contrastes, tanto cultural quanto social. Algumas vezes, este desencaixe e reencaixe pode ser vivenciado com mais dificuldade, relacionada ao nível de adaptação e grau de confiança vivenciados pelo expatriado. No aspecto relativo à adaptação, foram verificadas variações, determinadas pelo desarranjo emocional vivenciado pela falta de rotinas familiares, lugares e coisas íntimas, o que pode ser justificado pela insegurança ontológica do sujeito. O objetivo desta pesquisa é investigar como o consumo colabora no ajustamento das identidades do expatriado e que aspectos de segurança ontológica são revelados nas experiências vivenciadas. A base teórica da pesquisa é apoiada na teoria apontada por Giddens (1991), na qual todas as pessoas buscam um referencial de segurança ontológica de alguma espécie, baseada na manutenção da sua narrativa biográfica, em aspectos relacionados a familiaridade de lugares, em relações de confiança, nas escolhas de consumo, em crenças que minimizem a ansiedade, em tradições e rotinas cotidianas. Na etapa de campo, foram realizadas nove entrevistas individuais, com homens e mulheres, brasileiros, com idades entre 24 e 63 anos, no período de Julho de 2019 a Novembro de 2019, que já vivenciaram ou estou vivendo em outro país atualmente. A abordagem de pesquisa é qualitativa, de cunho exploratório. Para a interpretação dos dados, fez-se uso da análise de conteúdo, através da elaboração de um roteiro de entrevista semiestruturado, elaborado por temas, considerando categorias de análise (Bardin,2010) elaboradas com base na teoria de Giddens (1991). O consumo, nesse contexto, não só trouxe um lugar de distensão como favoreceu a construção de relações significativas, revelando um sujeito que faz suas escolhas de consumo, alinhado ao seu novo projeto de vida em outro país como expatriado, apoiado em atributos que constituem a sua identidade, escolhas de consumo que carregam sentido, trazem confiança e minimizam as carências sentidas em outro país.

Palavras-chave: expatriado, identidade, nível de confiança, consumo e segurança ontológica.

ABSTRACT

The demobilization of space and place, experienced by expatriates - defined as people belonging to international organizations or self-initiated expatriates, that is, people with professional qualifications, in some cases at the beginning of their careers, dissatisfied with political, economic or security-related aspects of their country, who decide on their own to seek a new professional scenario, an opportunity abroad in search of a new life, of personal and professional fulfillment - it brings in the package an impact of contrasts, both cultural and social. Sometimes, this disengagement and resettlement can be experienced with more difficulty, related to the level of adaptation and degree of confidence experienced by the expatriate. In the aspect related to adaptation, variations were verified, determined by the emotional breakdown experienced by the lack of family routines, places and intimate things, which can be justified by the subject's ontological insecurity. The objective of this research is to investigate how consumption contributes to the adjustment of expatriate identities and what aspects of ontological security are revealed in the experiences. The theoretical basis of the research is supported by the theory pointed out by Giddens (1991), where all people seek a referential of ontological security of some kind, based on the maintenance of their biographical narrative, in aspects related to the familiarity of places, in relationships of trust, in consumption choices, in beliefs that minimize anxiety, in traditions and daily routines. In the field stage, nine individual interviews were carried out, with men and women, Brazilians, aged between 24 and 63 years old, from July 2019 to November 2019, who have already experienced or are currently living in another country. The research approach is qualitative and exploratory. For data interpretation, content analysis was used, through the elaboration of a semi-structured interview script, elaborated by themes, considering analysis categories (Bardin, 2011) elaborated based on the theory of Giddens (1991). Consumption, in this context, not only brought a place of relaxation but favored the construction of meaningful relationships, revealing a subject who makes his consumption choices, aligned with his new life project in another country as an expatriate, supported by attributes that constitute their identity, consumption choices that carry meaning, bring confidence and minimize the needs felt in another country.

Keywords: expatriate, identities, confidence level, consumption and ontological security.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Diagrama da relação de confiança x segurança ontológica	19
Figura 2:	Matriz de segurança ontológica inspirada na teoria de Giddens	24
Figura 3:	Esquema relacional entre consumo, identidades e seg. ontológica	27
Figura 4:	Atributos da segurança ontológica inspirada em Giddens	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Categorias temáticas a priori	33
Quadro 2:	Categorias temáticas a posteriori	
Quadro 3:	Perfil dos entrevistados	36
Quadro 4:	Quadro resumo da categoria Crenças	45
Quadro 5:	Quadro resumo da categoria Narrativa Identitária	48
Quadro 6:	Quadro resumo da categoria Adaptação aos Riscos	52
Quadro 7:	Quadro resumo da categoria Adaptação aos Riscos (adaptação à língua estrangeira).	54
Quadro 8:	Quadro resumo da categoria Orientação para o Futuro	55
Quadro 9:	Quadro resumo da categoria Relações de Confiança	58
Quadro 10:	Quadro resumo da categoria Mercado Global (desencaixe).	60
Quadro 11:	Quadro resumo da categoria Mercado Global (preferência pelo consumo brasileiro).	62
Quadro 12:	Quadro resumo da categoria Mercado Global (acesso a um consumo diferenciado).	65
Quadro 13:	Quadro resumo da categoria Rotina	67
Quadro 14:	Quadro resumo da categoria Tradição	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivos	13
1.1.1	Objetivo Geral	13
1.1.2	Objetivos Específicos	14
1.2	Delimitação da Pesquisa	14
1.3	Relevância da Pesquisa	14
1.4	Estrutura do Projeto de Dissertação	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	Segurança Ontológica	15
2.2	Identidade X Segurança Ontológica	19
2.2.1	Definição de Identidade e o Caráter Inconclusivo	21
2.2.2	Identidade a Maneira Como as Outras Pessoas Me Identificam	25
2.3	Consumo, Identidade e Segurança Ontológica	25
2.4	Fluxos Culturais e Expatriados	29
3	METODOLOGIA	32
3.1	Tipo de Pesquisa	33
3.2	Definição Das Categorias Analíticas	33
3.3	Procedimentos Para Produção e Análise de Dados	36
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO	40
4.1	Crenças	41
4.2	Narrativa Identitária	44
4.3	Adaptação ao risco	47
4.4	Orientação para o futuro	53
4.5	Relações de Confiança	55
4.6	Mercado Global	57
4.7	Rotina	64
4.8	Tradição	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	73
	ANEXO A – protocolo de entrevistas	
	ANEXO B – roteiro de entrevistas	

1. INTRODUÇÃO

O ambiente globalizado, com amplo e rápido acesso a informações, internacionalização de organizações e intenso fluxo de pessoas por todo o mundo, estimula a necessidade de entender a mobilidade internacional demandada por expatriados. Entendendo que Giddens (1991) defina a globalização como o avivamento das relações sociais em escala mundial, corporações transnacionais têm um papel relevante neste cenário, operando sem se limitar às suas fronteiras, influenciando processos globais e transformando a distribuição internacional do trabalho. Acabam, com isso, repercutindo em novas formas de viver e em novas experiências de expatriação.

Nesse contexto, profissionais de empresas globais se veem, em muitos momentos, saindo de seus casulos para se encaixarem em novos ambientes, iniciando uma nova história, tendo que estar preparados para construir não só novas relações, como novos casulos. Porém, a expatriação também ocorre por escolha própria, quando o sujeito decide deixar seu país para buscar condições melhores de vida, oportunidades profissionais ou acadêmicas.

Levantamentos realizados pela Fundação Alexandre de Gusmão, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil, para a V Conferência “Brasileiros no Mundo”, dão conta de que 3.083.216 brasileiros vivem fora do Brasil (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2016). Dentre vários motivos para emigração apontados na conferência, a principal justificativa para os brasileiros deixarem o país está relacionada a aspectos econômicos, ainda que na decisão de partir entrem em linha de conta, de forma consciente ou não, outros fatores de ordem cultural ou mesmo psicológica. A nova inserção social desses emigrantes varia segundo a escolha do país, e nessa escolha já estão geralmente incorporados muitos condicionamentos do novo modo de vida.

A complexidade exigida neste tipo de mobilidade traz para discussão a questão do reencaixe levantado por Giddens (2002), não somente relacionado aos lugares, como também às novas rotinas e relações sociais, muitas vezes dificultadas pelas diferenças culturais e pelo desconforto; pelo que não é familiar.

Em primeiro lugar, quero complementar a noção de desencaixe com a de reencaixe. com este termo me refiro à reapropriação ou remodelação de relações sociais desencaixadas de forma a comprometê-las (embora parcial ou

transitoriamente) a condições locais de tempo e lugar. (GIDDENS,A 1991, p.73)

O lugar atua como palco das narrativas, como espaço de práticas sociais que nos caracterizam e com as quais nossas identidades estão ligadas. Nele, estabelecemos vínculos e vivemos experiências que contribuem para as nossas narrativas identitárias. Lugares contribuem, de alguma forma, para a nossa segurança ontológica (Giddens, 2002), por já serem familiares. Construimos identidades ligadas a lugares, escolhemos relacionamentos e criamos hábitos que nos caracterizam e nos fazem sentir bem.

No momento anterior à expatriação, planos são traçados baseados na crença pessoal de cada expatriado, revela-se onde a sua confiança está depositada, características presentes quando a decisão é tomada antes de iniciar uma experiência em outro país. Para continuar se sentido bem ou, usando o conceito de Giddens (1991), para proteger sua segurança ontológica, como se estivesse em seu país de origem, o expatriado buscará todos esses atributos, visando construir uma nova narrativa que atenda ao seu projeto de vida.

Para Giddens (1991), segurança ontológica tem relação com "ser" ou, nos termos da fenomenologia, "ser-no-mundo". Refere-se a um fenômeno emocional ao invés de cognitivo, e está arraigado no inconsciente do ser humano. O expatriado buscará atributos que facilitem sua adaptação e, que contribuam para a sua segurança ontológica quando estabelecer suas relações sociais, escolhas de consumo e de um modo de vida que lhe traga confiança e familiaridade dentro de um novo ambiente.

Giddens (2002) afirma que as circunstâncias sociais não são separadas da vida pessoal, dado que a participação ativa dos indivíduos influencia na reconstrução do universo de atividades sociais a sua volta: "cada um vivendo a sua biografia reflexivamente organizada, em termos de fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modo de vida" (GIDDENS, 2002, p.20).

Nesse sentido, o expatriado buscará meios de se adequar a um novo lugar, a novas pessoas e coisas para se sentir no controle do plano da sua vida. O consumo funciona como um facilitador, a medida em que resgata valores, revela significados pessoais e permite reviver experiências que colaboram para a sua segurança ontológica.

O consumo tem muito a dizer sobre a pessoa, a cultura e a sociedade. Para Canclini (1999), a escolha dos bens é uma forma de demonstrar publicamente o que é valioso para o

consumidor, comunicando um sentido social. Giddens (2002, p. 160) diz que as “pessoas, através do consumo, buscam produzir a aparência de um eu socialmente valorizado”.

A identidade com seu caráter múltiplo, mutável e relacional será adaptada conforme a interação social e escolhida a partir da narrativa reflexiva do sujeito.

A convivência intercultural em experiências com expatriados demonstra a existência de muitos estereótipos nas relações entre sujeitos culturais diferentes, o que reafirma a importância de termos consciência que pertencimentos e identidades são negociáveis e que as escolhas e decisões serão determinantes (Bauman,2005).

Jenkins (2008) afirma que a forma como o indivíduo se identifica interferirá nos seus interesses e no processo de construção de sua identidade. Para o autor, a nossa identidade fala de quem somos, de nossos lugares como pessoas e como membros de uma coletividade. Nessa toada, nossas diferenças e similaridades colaborarão na nossa identificação dentro de uma coletividade.

Segundo Giddens (2002, p. 79), as “pessoas buscam a auto realização caracterizada no estilo de vida escolhido e traduzido num conjunto de práticas que atendem às suas necessidades utilitárias”. O estilo de vida determina uma narrativa particular, definida por um conjunto de hábitos e orientações que produzem uma percepção de continuidade da segurança ontológica. É nesse contexto que o presente estudo propõe responder à seguinte questão:

Nas experiências vividas pelos expatriados, como se caracterizam as práticas de consumo e de que forma se conectam à sua segurança ontológica?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar e descrever como o expatriado utiliza o consumo em busca da segurança ontológica.

1.1.2 Objetivos Específicos

1. Identificar e descrever formas de manifestação da segurança ontológica vivenciadas por expatriados enquanto fora do seu país de origem;

2. Identificar e descrever como o consumo se articula com as formas de manifestação da segurança ontológica identificadas e descritas em (1).

1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com brasileiros que já tiveram ou estão tendo experiências de expatriação. Decidimos não misturar outras nacionalidades porque acreditamos que o brasileiro tem características muito peculiares, ligadas ao seu país, que não se configuraria em outras nacionalidades.

1.3 RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Contribuir com a pesquisa acadêmica para compreensão da segurança ontológica no comportamento dos expatriados. Elucidar e informar às organizações internacionais como a cultura, o consumo e as relações sociais estão associados e refletem na segurança ontológica e nas identidades dos expatriados.

Acrescentar conhecimentos relacionados à expatriação, de forma a criar artifícios ou traduzir em boas práticas para aplicação nas organizações globais, que tragam a segurança ontológica necessária para funcionários ou alunos alvos destes deslocamentos.

1.4 ESTRUTURA DO PROJETO DE DISSERTAÇÃO

Esta pesquisa foi fundamentada na revisão da literatura das seguintes áreas: caracterização da segurança ontológica, o caráter das identidades e o aspecto cultural e a forma do consumo se relacionar com a segurança ontológica. A pesquisa está organizada em cinco unidades. A primeira unidade é composta da introdução, que compreende a contextualização do problema de pesquisa, objetivos, a delimitação do trabalho e relevância da pesquisa. A segunda unidade apresenta o referencial teórico sobre essas áreas, com apresentação da teoria, subdividido em temas. As categorias de análise são apresentadas na terceira unidade - Metodologia, na qual é apresentada a metodologia utilizada, perfil dos entrevistados e procedimentos realizados. A análise e discussão dos dados, segmentada em categorias, é apresentada na unidade quatro. Por fim, na quinta unidade fazemos as considerações finais da

pesquisa, apresentada nossa conclusão e sugestões para futuras pesquisas. Encerram esta dissertação as referências bibliográficas, os anexos que contêm o protocolo e o roteiro de entrevistas aplicados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, são apresentados os conceitos e teorias que estão relacionados com a pesquisa, demonstrando as suas relações. Inicia-se pelos conceitos e teorias de segurança ontológica, seguido dos conceitos de identidade e seus aspectos, consumo e sua relação com a identidade e cultura.

2.1 SEGURANÇA ONTOLÓGICA

Na pesquisa realizada com expatriados por Thompson e Tambiah (1999), foram investigadas, nas suas histórias, práticas de consumo que revelavam tentativas de amenizar as suas inseguranças. Embora esses expatriados já acumulassem experiências nesse tipo de mobilidade, foram verificados em suas narrativas, desencaixes originados da ausência de laços emocionais e interpessoais familiares, desejos por afiliações comunitárias e preferências por objetos e lugares familiares.

“Todos os indivíduos desenvolvem um referencial de segurança ontológica de alguma espécie, baseado em vários tipos de rotinas” (Giddens; A.,2002, p.47). Para o autor, “ser ontologicamente seguro é ter, no nível do inconsciente e da consciência prática, respostas para questões existenciais fundamentais que toda vida humana, de certa maneira, coloca”. Giddens (2002) entende que a ansiedade, confiança e as rotinas cotidianas estão, de tal modo, relacionadas entre si, e que podemos considerar as práticas da vida diária como um mecanismo de enfrentamento. Para o autor, o indivíduo, através de um projeto reflexivo do “eu”, contribui mantendo suas narrativas biográficas coerentes e continuamente revisadas.

Na vida social moderna, a noção de estilo de vida assume um significado particular. Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções. (GIDDENS, 2002, p.12 e 13).

Na conceituação do que é global e local, considerando os aspectos relacionados à etnia, Hall (2006) esclarece que as identidades nacionais representam vínculos a lugares, símbolos e histórias particulares, traduzindo uma forma de pertencimento; e expõe como contra tendência, ao invés de pensar no global em substituição ao local, considerar uma nova articulação, atuando através de novas identificações globais e novas identificações locais.

De acordo com Giddens (2002), na pluralidade de ambientes promovida pela vida social moderna, de diversificações no mundo privado e no público, as pessoas poderão se sentir desconfortáveis, sendo motivadas ou não a se aprofundarem nesses ambientes, direcionadas pelas escolhas de estilos de vida. Segundo o autor, a reflexividade e o seu caráter de observação contínua do fluxo da vida social permitem ao sujeito um posicionamento, relacionado diretamente com a continuidade das práticas, traduzido na incorporação rotineira de conhecimentos ou informações novas em situações, as quais serão reconstituídas ou reorganizadas (GIDDENS, 2009).

A teoria da estruturação de Giddens (2009), não é a base desta pesquisa, porém alinhando com os artifícios relevantes para o estudo da segurança ontológica, destacamos que ela considera como fundamental o conceito de rotinização e o seu caráter habitual, caracterizado no predomínio de características, em alguma medida, constantes e formas de comportamentos familiares, sustentando e sendo sustentada por um senso de segurança ontológica (GIDDENS, 2009).

O caráter reflexivo contínuo das ações é estudado na teoria da estruturação de Giddens (2009), que aborda a dualidade entre agência e estrutura, a qual, comunica, em seu significado, uma direção para o sujeito através de suas regras e normas. Também nos traz que, apesar de terem suas ações parcialmente pré-determinadas pela estrutura social, são agentes capazes de sustentar ou modificar essas estruturas por meio de um processo reflexivo contínuo de suas ações.

Pode-se entender o contraponto que nos é oferecido a analisar, quando Giddens (2002) trata da segurança ontológica e o que vem associado a ela, revelando uma maior autonomia, tanto para o sujeito se encaixar nos ambientes, como escolher como vai se comunicar. Por outro lado, define o esforço realizado quando se fala em pertencimento, traduzindo uma certa impotência, passividade, que nos faz lembrar das sociedades de massa e dos sistemas de parentesco rígidos.

Bauman (2005) define insegurança ou inadaptabilidade do sujeito na situação de “deslocado”, total ou parcialmente de seu lugar, como uma experiência desconfortante. Além disso, cita a sua experiência pessoal, concluindo que em lugar algum deve-se estar total e

plenamente em casa. A segurança oferecida pelas identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis não se adequam mais ao mundo atual. Desta forma, o sujeito vive em busca dessas identidades, buscando pertencer, nestas experiências. De acordo com o autor, os sentimentos vivenciados acrescentarão aprendizado ao sujeito, podendo significar um tipo de segurança ontológica.

Apesar de muitos aspectos da vida social terem se tornado mais seguros, resultado do desenvolvimento global, as pessoas têm a consciência de que as práticas correntes moldam o seu futuro. Desta feita, moldar sua identidade refletidamente num projeto reflexivo do eu, direcionando a sua trajetória, mediando referências externas, caracterizará uma narrativa com maior autonomia.

Giddens (2002) trata também das inquietações vivenciadas pelo ser humano e que muitas vezes podem ser satisfeitas através do seu projeto biográfico, da constituição de identidades; trazendo a responsabilidade e o compromisso de repensar o plano de vida. Um exemplo desses momentos de inquietação é a quebra de rotinas, acompanhada de dilemas morais e existenciais, diagnosticados como crises existenciais. As rotinas precisam, pois, ter significados morais e não devem ser, somente, práticas vazias.

Ilustrando melhor a questão da autonomia nas rotinas, trazemos um exemplo citado por Giddens (2009), no qual o sujeito não tinha agência nas suas escolhas, determinada pelo contexto social vivenciado nos campos de concentração. Dentro de tal contexto, sua segurança era totalmente dissolvida, caracterizando um quadro de insegurança ontológica. Conforme evidenciado pelo autor acerca da insegurança ontológica: “eram as tarefas absurdas, a falta de tempo para si mesmos, a incapacidade de fazer planos devido às súbitas mudanças nas normas do campo, que eram tão profundamente destrutivas” (GIDDENS, 2009, p.72).

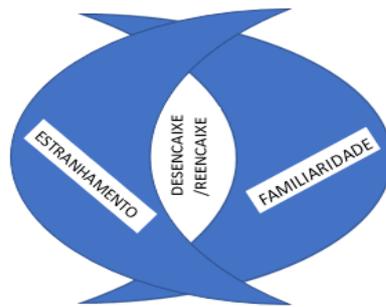
A confiança, a segurança ontológica e o sentimento de continuidade das coisas e pessoas permanecem ligados entre si, na personalidade adulta, de acordo com Giddens (2002). O autor cita a confiança pessoal como um projeto a ser trabalhado pelas partes envolvidas, tendo que ser conquistada através de cordialidades demonstráveis. Sendo assim, através do exercício da confiança são tecidos os relacionamentos, o que também acarreta um processo mútuo de auto-revelação.

Diante disso, compreendemos que expatriados têm suas confianças abaladas quando vivenciam processos de deslocamentos para novos cenários culturais e de informação, acarretando desencaixes das relações sociais, de contextos locais, trazendo a necessidade de reestruturação, buscando uma adaptação que pode ser facilitada pelas escolhas de consumo.

Relações de confiança, constância de ambientes e a continuidade da autoidentidade são aspectos que contribuem para a segurança ontológica, o ser no mundo. Para a sua reinserção em novos cenários culturais, seus encaixes serão facilitados (Giddens,1991). Esses reencaixes, segundo Giddens (1991), exigem a reapropriação das relações desencaixadas. O reencaixe em novos contextos espaço-temporais é oportunidade para novas relações sociais e trocas de informações.

Nesses termos, a intersecção no processo de desencaixe e reencaixe é vista em situações opostas de estranhamento e busca de familiaridade, conforme demonstrado na figura 1 (abaixo). Sendo o estranhamento causado pelo processo de desencaixe e a familiaridade buscada no reencaixe.

Figura 1: Diagrama da Relação de Confiança x Segurança Ontológica



Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Segundo Pustrello (2011), o ambiente interfere diretamente na segurança ontológica do sujeito, quando, citando Giddens, fala de constância de ambientes e na confiança gerada na continuidade das relações com pessoas e coisas ao redor.

O autor cita Bauman e o sentimento de insegurança derivado de percepções do cotidiano, ressignificado por hábitos e rotinas. Em Pustrello (2011), vemos um paralelo relacionando confiança e segurança ontológica, em tempos diferentes, o que nos pode trazer características de análise para medir o ambiente relacionado a essas percepções pelo nosso sujeito de pesquisa.

Ao situar o sujeito no contexto das sociedades pré-modernas e modernas, Giddens (1991) nos remete ao ambiente considerado como de segurança, relacionado a diversos fatores de influência. Ele caracteriza o ambiente de confiança e segurança, situando os fenômenos no tempo ao definir que nas sociedades pré-modernas, o ambiente de segurança ontológica é

constituído por relações de parentesco, na busca do que é familiar na comunidade local, nas crenças religiosas e na preservação das tradições, como meio de conectar presente e futuro.

No ambiente de segurança, nas sociedades modernas, o autor traz novas características em substituição àquelas da pré-sociedade, como a busca de relações de confiança agora relacionadas a amigos e em relações íntimas, aos sistemas abstratos presentes em suas rotinas, como o uso da *internet*, o mercado global de estilos e lugares e pelo pensamento orientado para o futuro, como modo de se conectar e estabelecer segurança. Acreditando que ainda podemos encontrar essas características da pré-sociedade, esses fatores serão analisados como categorias de análise nesta pesquisa.

Prustello (2011) também nos traz que o indivíduo moderno pode ser orientado por sedução e por desejos que não são estáveis, relacionados diretamente ao ambiente em que está inserido e aos estilos de vida, o que também pode determinar uma outra identidade e/ou sua adaptabilidade. Nesse processo de escolhas, ainda segundo Prustello (2011), ocorre a busca de um ambiente que se traduza em confiança e segurança, arcando o sujeito com as consequências e buscando maior satisfação. Segundo o autor, o excesso de oportunidades traz acoplado as ameaças de desestruturação e fragmentação do eu, sendo esses os fatores que contribuem para maior segurança ontológica definidos pelos aspectos individuais do sujeito, trazidos do seu repertório de experiências, orientações e busca de sentidos.

2.2 SEGURANÇA ONTOLÓGICA X IDENTIDADE

A continuidade nas relações de confiança e a constância de ambientes procuradas pelas pessoas são componentes para sua segurança ontológica num mundo de incertezas e imprevisibilidade e reveladas em suas identidades, geralmente contingentes, sendo tolerantes com a inconsistência ou contradição (BAUMAN, 2005). Do mesmo modo, Slater (2001) define que as identidades são circunstanciais, quando o sujeito deve escolher, manter, interpretar ou negociar, para que ele possa exibir quem ele quer ser ou parecer. Os recursos materiais e simbólicos presentes nas escolhas de consumo contribuem neste sentido.

Para melhor compreensão da segurança ontológica e sua conexão com a identidade, podemos destacar aqui características importantes relacionadas à primeira infância, trazidas por Giddens (1991), quando ele diz que a base de confiança gerada na infância elimina ou neutraliza questões de problemas existenciais no adulto. Essa base de confiança gerada na infância contribui para um senso de identidade, que, posteriormente, se reverte na confiança em si

mesmo e no que os outros pensam dela. Sendo assim, o ponto de partida é a confiança pessoal e confiança nos outros que irão permear toda a sua vida, gerando circunstâncias estáveis de autoidentidade. Segundo Giddens (2002, p.49): “Ser ontologicamente seguro é ter, no nível do inconsciente e da consciência prática, “respostas” para questões existenciais fundamentais que toda vida humana de certa maneira coloca”.

A confiança nos outros é trabalhada ao mesmo tempo que é desenvolvido o senso interno de confiança, ou seja, está ligada ao alcance de um senso prévio de segurança ontológica. Na infância, essa confiança nas pessoas ao seu redor cria uma proteção nas relações com o mundo, com fundamentos de caráter emocional e cognitivo, o que outros autores chamam de “confiança básica”, a base para suas relações e para sua identidade.

Desde os primeiros dias de vida, tanto a manutenção dos hábitos como as rotinas desempenham um papel importante na elaboração das relações estabelecendo conexões com sentimentos de segurança ontológica no decorrer da vida da pessoa. Giddens (2002) nos diz que essa disciplina nos hábitos e rotinas cria um referencial para sua existência, semeando um sentido de “ser”, e o “não-ser”, que é um componente da segurança ontológica.

A confiança básica funciona como um dispositivo de proteção em relação aos riscos que fazem parte de qualquer interação e um amparo emocional que protege as pessoas durante a vida. Assim, a preexistência da confiança básica bem desenvolvida é condição na elaboração das identidades que criam sentido de continuidade.

Identidades são mediadas e reconfiguradas para atender a uma demanda de segurança ontológica e maior confiança, as identidades são produzidas para atender a vários contextos sociais, com o fim de estabelecer relações de confiança, se adaptar aos riscos relacionados a novos ambientes, elaborar novas rotinas relacionadas a maior confiança nos planos futuros.

O modo de vida compartilhado nas identidades escolhidas é comunicado pelo sujeito para a sociedade, através dos modelos culturais adotados e suas representações, revelando aspectos de significação pessoal e autoestima. Slater (2008) define como a falta de ordem social estável a razão das pessoas terem que fazer suas escolhas de identidade, no sentido de que a identidade não é atribuída e sim escolhida.

2.2.1 Definição de Identidade e o Caráter Inconclusivo

Identidade, segundo Jenkins (2008), pode ser definida como o meio pelo qual as pessoas se distinguem na sua convivência social, com outras pessoas e grupos. Nunca como um ponto

final ou determinado, até mesmo com a morte, ainda pode ser reavaliada em aspectos relacionados a sua reputação.

A auto-identidade não é um traço distintivo, ou mesmo uma pluralidade de traços, possuído pelo indivíduo. É o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia. A identidade ainda supõe a continuidade no tempo e no espaço: mas a auto-identidade é essa continuidade reflexivamente interpretada pelo agente. (Giddens, 2002, p.54).

De acordo com Giddens (2002), as inseguranças presentes no indivíduo impactam na sua identidade e no sentimento de continuidade biográfica; e o consumo se revela como um fator que colabora para manutenção da sua biografia, quando ele faz suas escolhas de consumo.

Para Hall (2006), isso se relaciona diretamente com a sociedade em que vivemos, na qual as mudanças ocorridas na estrutura social também se revelam nas identidades, por não apresentarem atributo de serem fixas (e sim móveis); formadas e modificadas seguidamente, em relação ao modo pelo qual somos apresentados ou demandados nos sistemas culturais que nos cercam.

Hall (2006) contribui com três definições de identidade, reforçando o caráter de mudança. A modernidade tardia representa concepções de identidades que definem a sua instabilidade diante do mundo, cada vez menos independentes e mais subordinada às suas relações. Caracteriza, neste sentido, identidades mais segmentadas, com destaque para o sujeito pós-moderno possuidor de uma identidade formada e transformada continuamente.

As concepções adotadas por Hall, relativas a definições de identidade, refletem posições sociais impostas pela sociedade, divididas em: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. A característica mais evidente e comum nessas concepções é a condição imposta ao sujeito.

O sujeito do Iluminismo traduzido como um ser que permaneceu sempre o mesmo, contínuo ao longo de sua existência. Já o sujeito Sociológico reflete a complexidade do mundo moderno, deixando de ser autônomo, mediado pelas suas relações, nos seus valores e símbolos, pela cultura de consumo vivenciada. E, por último, o sujeito Pós-Moderno, não apresenta mais identidade fixa, essencial ou permanente, mas transformada continuamente nas suas interações nos sistemas culturais e sociais em que participa. Uma identidade definida factualmente e não mais herdada naturalmente.

Estas posições sociais referenciadas por Hall (2006) também são trazidas por Giddens (2002) no aspecto relacionado ao caráter de identidade, quando uma posição social estabelecida

requer a especificação de uma identidade, determinada numa rede de relações sociais, sendo a mesma sujeita a sanções regulamentárias.

Hall (2006, p.38) traz que “a identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”, como um processo em andamento. Desta forma, “[...]A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros.”

Bauman (2005) e Giddens (2002) não concordam com a origem das identidades, isto é, como elas surgem e a suas eficiências. Para o primeiro, o surgimento das identidades é apenas um reflexo do mercado consumidor, substituídas conforme a sua demanda. Desta feita, a origem da biografia dos sujeitos se baseia em identidades descartadas. Já para Giddens (2002), as identidades nascem de um projeto reflexivo do eu, que são construídas à sua escolha.

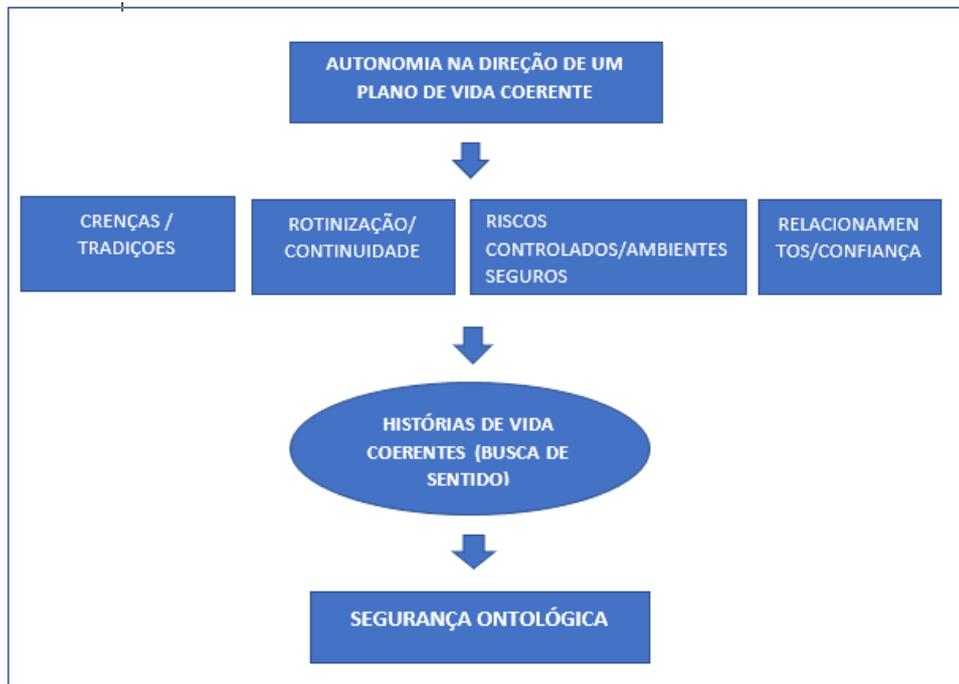
Giddens (2002) nos faz entender que quanto maior a instabilidade da identidade no mundo pós tradicional, maior deve ser o envolvimento no que ele chama de projeto reflexivo do eu. Um projeto reflexivo que envolve autoexames, autofiscalização, planejamento ininterrupto em todos os componentes da vida, a fim de combiná-los com vistas a uma narrativa coerente, chamada “o eu”.

O autor define como autoidentidade o “eu” compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia, na capacidade de manter em andamento uma narrativa particular. Não estaria nem no comportamento, nem nas reações dos outros, mas na busca de um sentido à sensação de continuidade biográfica, capaz de captar reflexivamente e, em maior ou menor medida, comunicar a outras pessoas. A autoidentidade é, então, forjada na interação com o mundo externo.

O conflito expresso na origem das identidades é visto por Bauman (2005) como crise do pertencimento, em que todo o esforço reunido para criar uma identidade é realizado para atender a uma demanda externa e se integrar aos padrões estabelecidos. Sendo assim, a busca de pertencimento é vista como fonte de angústias, pelo seu caráter seletivo e a constante ameaça de estar excluído. Os compromissos assumidos numa identidade não trariam segurança, não teriam significação, facilitando o desengajamento, o que contrapõe a visão de Giddens e o caráter da identidade ser um reflexo da segurança ontológica buscada pelo sujeito.

Giddens (2002) nos traz que as identidades escolhidas estão baseadas na segurança ontológica do sujeito, sua narrativa de vida, o que define o eu e tem origem em vários fatores, como demonstrado na figura 2, abaixo.

Figura 2: Matriz de segurança ontológica inspirada em Giddens (2002).



Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Conforme demonstrado na figura 2, a matriz de segurança ontológica inspirada em Giddens tem como objetivo demonstrar que, ao participar das escolhas no modo de vida, realizadas pelo sujeito na definição de seu plano de vida, ele está apoiado em crenças e/ou tradições, harmonizando suas relações de confiança, elaborando suas rotinas e dando continuidade ao seu projeto de vida.

Para se sentir ontologicamente seguro, o sujeito também busca nos ambientes uma forma de filtrar ou se adaptar aos riscos e introduzir ou manter relacionamentos que traduzam confiança. Dessa forma, configurando um eu, não como uma entidade passiva, determinada por influências externas, mas com autonomia na escolha das suas identidades, de forma que sejam harmônicas, forjadas neste aspecto, na manutenção do sentido do eu, ou seja: narrativas biográficas coerentes, porém revisadas e readaptadas ao contexto.

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade. Giddens (2002, p.79)

Os estilos de vida escolhidos contribuem para compor a identidade do indivíduo, nesse processo as escolhas de consumo participam ativamente, conforme o seu plano de vida é processado e escolhas são realizadas.

Consoante Detienne (2013) descreve, identidade no seu valor semântico, quando evoca a consciência que uma pessoa tem de si mesma, o que é ser si mesma. Em suma, expressa o sentimento de identidade pessoal de um indivíduo contemporâneo, pressionado no dia a dia a cultivar a identidade mais personalizada. O autor sustenta que as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definido de traços culturais, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações de onde emergem os sentimentos de pertencimento.

Segundo Candau (2012), a memória precede a construção da identidade, no sentido em que participa de sua construção. Essa identidade, por outro lado, molda predisposições que levam os indivíduos a incorporar certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais. De acordo com o autor, não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de sentimento e identidade.

Adams e Van de Vijver (2015) analisaram em suas pesquisas que o caráter ajustável da identidade é um facilitador no ajustamento psicossocial e do bem-estar do sujeito expatriado. Os autores também argumentam que pode ocorrer um outro tipo de ajuste, chamado superficial, no qual o sujeito absorve menos e mantém suas características, sendo o contexto em que está inserido encarado como um colaborador, neste quesito. Os autores definiram um modelo tridimensional de identidade, observado no sujeito expatriado: a identidade pessoal, identidade relacional e identidade social, em que os sujeitos se definem continuamente num processo consciente e inconsciente através de aspectos pessoais, interpessoais, sociais e contextuais.

A identidade pessoal engloba os aspectos intrapessoais como: valores, metas e crenças do indivíduo, que o caracterizam como único e distinto, este exposto a vivenciar problemas relacionados aos aspectos pessoais, como preferências e hábitos. Na dimensão relacional, com destaque para o papel social do indivíduo, no contexto das relações interpessoais, em que os sujeitos precisam negociar o status social dentro deste novo contexto.

Por último, os aspectos relacionados à identidade, na dimensão social, seriam percebidos através da adesão a grupos sociais específicos. Isto se explica pela necessidade de construir relações que facilitem as relações gerais fora do grupo, na interação com outras culturas. Cada dimensão de identidade sustentando e mantendo um sentido coerente de si mesmo.

2.2.2 Identidade e a Maneira Como as Outras Pessoas Me Identificam

Para Jenkins (2008), a identidade é construída como um processo de identificação pensado e elaborado pelo indivíduo, por seu próprio interesse. Aborda, neste sentido, um comportamento em evolução, que combina: planejamento, improviso e hábito, influenciado por respostas emocionais, saúde, bem-estar, acesso a recursos, conhecimento, visão do mundo e o impacto do comportamento dos outros; sendo a relação entre interesses e identificação complexa para prever o comportamento individual de cada um. Para o autor, identidade envolve critérios de comparação entre pessoas ou coisas, definindo similaridades e diferenças, princípios dinâmicos de identificação.

Desta forma, a identidade está relacionada tanto como o sujeito se identifica quanto como é identificado através dos seus interesses, conforme trazido por Jenkins (2008). Na sua análise, estas questões e outras relacionadas a percepção do outro, os indivíduos fazem parte de uma coletividade, olhando para os interesses alheios buscando uma identificação, sendo que, estas escolhas com base em Giddens (2002) se referem a monitoração reflexiva, isto é, o caráter de continuidade, tanto dos aspectos sociais quanto dos físicos nos contextos em que se movem, podendo aqui lembrarmos do papel do consumo.

Em suas considerações, Jenkins (2008) postula que, através da identificação, enquanto sistema estabelecido de significação entre pessoas e relações de similaridade ou diferenças, a forma como os indivíduos são percebidos contribuirá para sua identidade. Para o autor, as relações com quem nós nos identificamos contribui para o estabelecimento de quem somos e, ao mesmo tempo, diz algo aos outros, sobre nós.

As nossas identidades são comunicadas na nossa vida diária; esta que se resume no desenrolar de rotinas, que desembocam em práticas habituais, sendo em hábitos, no consumo, nas relações sociais e nas escolhas de lugares, que são capazes de divulgar nossas intenções subjetivas e comunicar valores que vão além do aspecto econômico, revelando também aspectos emocionais, características estas presentes nas nossas escolhas de consumo, consequentemente no projeto de vida.

2.3 CONSUMO, IDENTIDADE E SEGURANÇA ONTOLÓGICA

O consumo cultural, como estruturador de valor, colabora para que as identidades sejam construídas, se revelando como uma forma de expressar as identidades, de se relacionar e

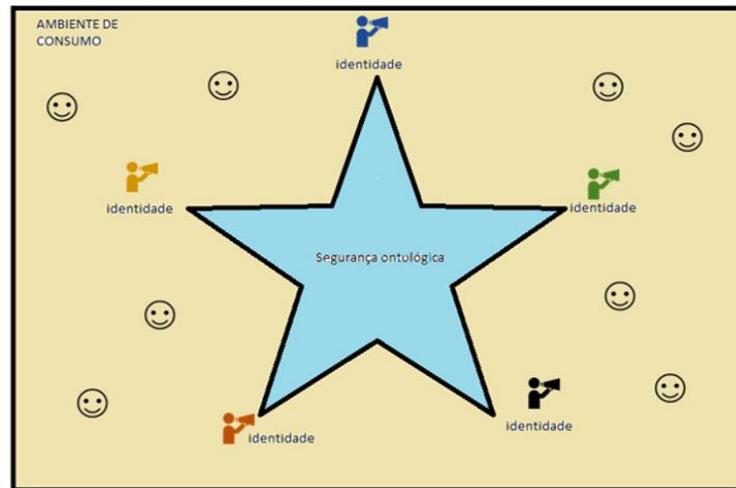
mediar relações, de pertencer, de se diferenciar e compartilhar significados. Por meio das identidades, comunicam-se significados e símbolos que são identificados e traduzidos em categorias culturais e princípios culturais.

O consumo faz parte das rotinas elaboradas pelo expatriado, sendo estas um referencial para a segurança ontológica. Trazendo aspectos relacionados à cultura, Laraia (2001) nos faz enxergar que o homem resulta do meio cultural, onde interage cultural e socialmente. Faz parte desta construção, um acúmulo de informações recebidas pelas gerações que o antecederam, o que reflete nas experiências adquiridas, somadas às suas próprias ações criativas. Partindo desta construção em movimento, o autor nos mostra que o ser humano não permanece definido em sua genética, ele resulta de adaptações e aprendizados por meio da cultura. As culturas são produtos resultantes do modo de vida e de ver o mundo.

O consumo moderno, segundo Slater (2001), trata de como as necessidades humanas se relacionam com as coisas que o mundo disponibiliza. Essas necessidades podem ser satisfeitas através da busca de significados ou em experiências materiais. Nesse sentido, todo consumo é cultural, porque envolve significados e traduz um modo de vida escolhido. Nesse contexto, o autor conceitua que a cultura de consumo define um acordo social, no qual interagem recursos sociais e materiais simbólicos, traduzidos em modos de vida significativos (SLATER, 2011). Essa interação é mediada pelo mercado em contextos sociais específicos.

O consumo na sociedade contemporânea, segundo Barbosa (2004), oferece o significado e a identidade que buscamos, e, é através dessa atividade que descobrimos quem somos e colaboramos para a nossa segurança ontológica. De forma a compreender melhor a relação entre consumo, identidades e a segurança ontológica do sujeito, elaboramos a representação da figura 3, apresentada a seguir.

Figura 3: Esquema Relacional entre Consumo, Identities e Segurança Ontológica

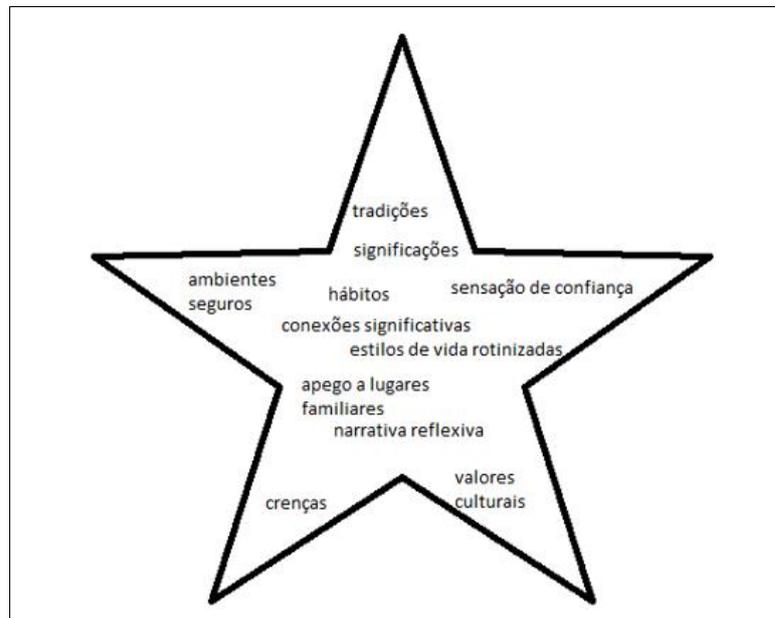


Fonte: elaborada pela autora, 2019.

No esquema-exemplo demonstrado na figura 3, é representado, no centro da figura, a segurança ontológica como fonte e papel elaborador das identidades. No exemplo, são constituídas apenas cinco identidades, pela limitação da figura utilizada no exemplo. O propósito é demonstrar que, o sujeito elabora suas identidades partindo de um plano de vida escolhido reflexivamente e de fatores que contribuem para segurança ontológica segundo Giddens (2002). As identidades construídas se relacionam nos ambientes: social, cultural e profissional, de acordo com o plano definido pelo sujeito. O consumo é representado na área maior do retângulo, como um instrumento disponível a estas identidades, para colaborar nas suas construções, aliviar as tensões e comunicar significado.

De acordo com Giddens (2002), os atributos que contribuem para a geração da segurança ontológica são constituídos durante toda a vida do indivíduo, fala das suas convicções, sua história e experiências vividas, seus valores, a confiança construída nessas experiências, o equilíbrio e a base para a construção de uma narrativa pessoal, uma personalização da sua autoidentidade. Na figura 04, apresentada a seguir, trazemos uma representação destes atributos relacionados à segurança ontológica do indivíduo.

Figura 4: Atributos Relacionados à Segurança Ontológica Segundo Giddens (2002)



Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Para Giddens (2002), a escolha de um plano ou estilo de vida contempla escolhas de consumo, hábitos e orientações que são importantes para a segurança ontológica e que trazem um senso de continuidade. Ao fazermos nossas escolhas de consumo, colaboramos na construção das identidades e das relações sociais, segundo Slater (2001). Os objetos de consumo sempre foram utilizados para reproduzir, culturalmente, identidades sociais.

A cultura do consumo, segundo Slater (2001), nos revela um acordo social, no qual as partes envolvidas são: a cultura vivida, os recursos sociais e materiais simbólicos e os modos de vidas significativos; sendo todos estes mediados pelo mercado. O autor também faz uma relação com a identidade quando, na sociedade tradicional, era somente papel dos bens trazer a significação de identidade social. Já numa sociedade pós-tradicional, a identidade define o consumo. Ao mudar o consumo de uma cultura são negociadas, também, as identidades.

Slater (2001) esclarece que as pessoas correm o risco de escolher identidades e meios de expressão de forma errada, devido ao universo diverso oferecido pela cultura de consumo, podendo colocar em risco a sua segurança ontológica. O modo de vida está diretamente relacionado aos modelos culturais e suas representações, o que caracteriza uma forma de participação na sociedade. Pertencer à sociedade se torna palpável através das identidades que as pessoas vestem e desvestem, conforme as escolhas de consumo.

Quando Slater (2001) fala do projeto reflexivo do eu, acrescenta que o mesmo compreende na sua transformação numa mercadoria, como um aspecto da sociedade pós-moderna. Mercadoria esta que precisa ser enxergada como uma marca de credibilidade, coerente e valorizada; atributos estes buscados através do consumo.

Colaborando com a compreensão de “um eu que faz suas escolhas”, podemos trazer também o hedonismo de Campbell (2001), baseado na busca de experiências emocionais proporcionadas pelo consumo, experiências buscadas para um preenchimento do vazio do eu, podendo também relacionar-se com a busca de um sentido no mundo, significando um tipo de segurança ontológica e a forma de caracterizar uma identidade.

Segundo Barbosa (2004), consumir e utilizar elementos da cultura material para construir e afirmar identidades é uma prática universal. O consumo contribui para a reconstrução de uma realidade social, na medida em que o consumidor pode agir ativamente no cenário, fazendo suas escolhas. Por meio das atividades de consumo, o sujeito se expressa e colabora na legitimação da sua identidade. Esse estudo compreende cultura como um processo dinâmico, na geração de hábitos de consumo que comunicam, fazem sentido, dão segurança à novas formas de vida e colaboram para o fortalecimento das identidades.

2.4 FLUXOS CULTURAIS E EXPATRIADOS

Hall (2006) faz referência aos fluxos culturais entre as nações, criando possibilidades de identidades partilhadas quando os mesmos bens e serviços atendem pessoas distantes no tempo e espaço; expondo culturas nacionais às influências externas, o que torna mais difícil a manutenção de identidades culturais intactas, enfraquecendo-as através da infiltração cultural.

Histórias e culturas interconectadas conceituam o que Hall (2006) denomina como culturas híbridas. Encontradas em indivíduos migrantes, pertencentes a dois ou mais mundos ao mesmo tempo. São também caracterizados como homens traduzidos, tendo que aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar linguagens culturais diferentes, traduzir e negociar entre elas.

Adams e Van de Vijver (2015), retratam que nesta interação de culturas e nas mudanças ocorridas com pessoas de culturas diferentes ocorrem ajustes, que podem ser a nível psicológico, traduzido em bem-estar, tanto subjetivo como sociocultural, de natureza comportamental, revelando quanto o sujeito está experimentando de conforto, associado a mudança, imerso num novo contexto cultural. Para os autores, nesse processo de fluxo culturais, envolve-se a adoção de valores e normas da nova cultura e modificações na cultura de origem.

Verificaram em suas pesquisas, que orientações variaram tanto para a manutenção da cultura de origem quanto do cruzamento de culturas (ADAMS; VAN DE VIJVER, 2015).

No estudo com expatriados, Adams e Van de Vijver (2015) perceberam que os mesmos possuem mais liberdade para ajustar e negociar suas identidades, pelo motivo de suas migrações temporárias, sendo que para gerirem de forma satisfatória suas identidades, precisam encontrar meios de lidar com as incertezas associadas ao novo ambiente, o que nos remete a segurança ontológica apontada por Giddens.

Nos tempos em que vivemos, chamado por Giddens (2002) de Modernidade, passamos por adaptações no modo de viver, em que somos afetados de várias formas, o que se verifica também na vida dos expatriados, quando é necessário uma adaptação de vida e os valores pessoais são visitados nas suas decisões, como a confiança em sistemas abstratos, como pré-requisito para lidar com o distanciamento tempo-espço. Para Giddens (2002, p.9) “A reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana”.

A construção do eu como um projeto reflexivo, uma parte elementar da reflexividade da modernidade demanda que uma pessoa deve achar sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos. Segundo Giddens (2002), a modernidade deve ser compreendida num nível institucional; porém as transformações trazidas pelas instituições modernas se relacionam de forma direta com a vida das pessoas e, portanto, com o eu. Um diferencial da modernidade é a crescente interconexão entre os dois "extremos" da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro.

Segundo Giddens (2002), a economia monetária se torna muito mais refinada e abstrata com o surgimento e amadurecimento da modernidade, em que negociações são realizadas a distância, sem a presença física das pessoas e os sistemas participam em todos os aspectos da vida social nas condições da modernidade, ele cita a relação com os alimentos que comemos, aos remédios que tomamos, aos prédios que habitamos, às formas de transporte que usamos e muitos outros fenômenos, como a forma de consumir, os quais serão sentidos no novo modo de vida escolhido dos expatriados.

Oportuno trazer um esclarecimento quanto a natureza de ser um imigrante ou um expatriado, Adams e Van de Vijver (2015) dizem que o imigrante tem a característica de mudar de país por força de circunstâncias externas, como motivos políticos, guerras e outras tensões não provocadas pelo próprio, enquanto o expatriado realiza a experiência de migração por

vontade própria, normalmente motivado pela sua escolha ou seu planos de vida, demandada por trabalhar numa empresa global ou também pela busca de aprimoramento profissional.

Os enfoques teóricos explorados neste trabalho, em torno da temática do consumo, contribuem para a construção de um conhecimento que investiga o sentido mais amplo do consumo, extrapolando conceitos preestabelecidos sob o viés do consumo somente como atividade de compras, como valor simbólico e cultural, mas como uma forma de colaborar na segurança ontológica do sujeito.

3. METODOLOGIA

Nesse capítulo, descreveremos a metodologia adotada para a execução da pesquisa: tipo de pesquisa, o método utilizado para a coleta de dados, as técnicas e procedimentos para o tratamento e análise dos dados.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Com o objetivo de explorar o consumo dos expatriados brasileiros, foi necessário adotar a perspectiva da pesquisa qualitativa, de cunho exploratório. A característica fundamental da pesquisa qualitativa é, segundo Martins e Bicudo (2005), o fato de que busca uma compreensão particular daquilo que estuda, já que o foco de sua atenção é dirigido para o específico, o individual, aspirando à compreensão dos fenômenos estudados que somente surgem quando situados.

Os dados foram coletados com base em entrevistas em profundidade realizadas a distância com nove expatriados brasileiros que vivem em sete diferentes países. A entrevista em profundidade é, essencialmente, uma técnica para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles que o entrevistador espera. Assim, o objetivo de investigação é acessar a visão do entrevistado, o que envolve experiências, ideias, valores e estrutura simbólica desse indivíduo.

As entrevistas foram realizadas por telefone, com apoio do aplicativo *WhatsApp*, gravadas e transcritas, já objetivando posterior utilização do método de análise de conteúdo. método que permitiu analisar as histórias de vida e a reconstrução dos acontecimentos sociais, preservando a espontaneidade do entrevistado (DELLAGNELO; SILVA, 2005). O uso do aplicativo *WhatsApp* foi definido por escolha dos entrevistados e pela impossibilidade em algumas entrevistas de ser realizada via vídeo.

As entrevistas contaram com roteiro semiestruturado, fornecendo ao entrevistador flexibilidade para ordenar e formular perguntas durante seu andamento (GODOI; MATTOS, 2006). As entrevistas foram transcritas e analisadas com base na análise de conteúdo clássica (BAUER; GASKELL, 2003). Os dados foram coletados entre os meses de julho e novembro de 2019. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos por indicação, inicialmente foram contatadas pessoas de conhecimento da pesquisadora e através delas foram indicados outros brasileiros expatriados, este método é conhecido por amostragem bola de neve (VINUTO, 2016). Não tivemos dificuldade em encontrar expatriados através deste método, poderíamos ter feitos

outras entrevistas, porém não teríamos o tempo necessário para realizar as transcrições e análise do conteúdo, achamos suficiente o material que já possuíamos.

A quantidade de entrevistados foi limitada pelo ponto de saturação. Minayo (2017) conclui que: “O que precisa prevalecer é a certeza do pesquisador que, mesmo provisoriamente, encontrou a lógica interna do seu objeto de estudo – que também é sujeito – em todas as suas conexões e interconexões”. Como produto das entrevistas realizadas foi analisado como o consumo pode contribuir para a segurança ontológica do expatriado, como foram realizadas suas escolhas de consumo e como suas identidades foram reconfiguradas nesse sentido, de forma a atender ao seu projeto de vida, traduzindo confiança relatada através de seus hábitos de consumo.

3.2 DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS

As categorias de análise utilizadas neste trabalho foram temas considerados como relevantes no estudo baseado na teoria de Giddens (1991), que contribuem para a análise dos aspectos comportamentais e emocionais do sujeito da pesquisa, servindo de base tanto para a elaboração do roteiro de entrevistas quanto para analisar o campo. Possibilitando então uma análise temática de categorias a priori, isto é, categorias construídas com base na teoria.

Quadro 1: Categorias Temáticas à Priori

Categorias	Definição constitutiva (citação do autor)	Definição operacional (como o fenômeno será observado)
NARRATIVA IDENTITÁRIA	“a estória (ou estórias) por meio da qual a auto identidade é entendida reflexivamente, tanto pelo sujeito de que se trata, quanto pelos outros” (Giddens, 2002, p.222).	O entrevistado será observado em sua narrativa no uso de palavras que definam uma autonomia, como: decisão própria, escolher lugares, se relacionar, confiar, metas, família, o uso da primeira pessoa para descrever planos, fazer sentido.
CRENÇAS	“as cosmologias religiosas proporcionam interpretações morais e práticas da vida pessoal e social, bem como do mundo natural, o que representa um ambiente de segurança para o crente. A deidade cristã nos ordena: "Confie em	Operacionalizada pela análise da narrativa do sujeito que demonstre que a sua segurança ontológica foi beneficiada por

	<p>mim, pois eu sou o único e verdadeiro Deus". Embora a maioria das religiões não seja tão monoteísta, a ideia de confiança em seres ou forças sobrenaturais é um traço característico de muitas crenças religiosas diferentes quanto a outros aspectos. A religião é um meio organizador de confiança de mais de uma maneira” (Giddens, 1991, p.93).</p>	<p>manutenção ou busca de crenças religiosas.</p>
TRADIÇÃO	<p>“A tradição é rotina. Mas ela é rotina que é intrinsecamente significativa, ao invés de um hábito por amor ao hábito, meramente vazio. O tempo e o espaço não são as dimensões sem conteúdo que se tornaram com o desenvolvimento da modernidade, mas estão contextualmente implicados na natureza das atividades vividas. Os significados das atividades rotineiras residem no respeito, ou até reverência geral intrínseca à tradição e na conexão da tradição com o ritual”. A tradição, em suma, contribui de maneira básica para a segurança ontológica na medida em que mantém a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, e vincula esta confiança a práticas sociais rotinizadas.” (Giddens, 1991, p.95)</p>	<p>Será observado no sujeito da pesquisa, se a tradição, hábitos significativos, escolha por manutenção de hábitos significativos fazem parte da construção da narrativa. palavras que demonstrem e expliquem a manutenção de uma rotina</p>
ROTINA	<p>“A previsibilidade das rotinas (aparentemente) sem importância da vida cotidiana está profundamente envolvida com um sentimento de segurança psicológica. Quando tais rotinas sofrem alteração — por quaisquer razões — a ansiedade transborda, e mesmo aspectos muito firmemente alicerçados da personalidade do indivíduo podem ser afetados e alterados.”(Giddens, 1991 , p.89)</p>	<p>Na análise da narrativa, observaremos se o sujeito busca manter rotinas na sua vida cotidiana e os motivos de sua manutenção, verificando se podem estar ligados a aspectos relacionados a segurança psicológica.</p>
MERCADO GLOBAL DE ESTILOS E LUGARES	<p>“A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.”...” O local e o global, em outras palavras, tornaram-se inextricavelmente entrelaçados. Sentimentos de ligação íntima ou identificação com lugares ainda persistem. Mas eles mesmos estão desencaixados: não expressam apenas práticas e envolvimento localmente baseados, mas se encontram também salpicados de influências muito mais distantes. Até a menor das lojas da vizinhança, por exemplo, pode muito bem obter</p>	<p>Operacionalizada por meio dos seguintes aspectos: será observado como a oferta ou não, de serviços e bens de consumo globais são utilizadas para manutenção do senso de continuidade do sujeito e a contribuição para a segurança ontológica</p>

		suas mercadorias de todas as partes do mundo.” (Giddens, 1991 , p.60 e p.98)	
RELAÇÕES DE CONFIANÇA	DE	<p>“Uma sensação da fidedignidade de pessoas e coisas, tão central à noção de confiança, é básica nos sentimentos de segurança ontológica; daí os dois serem relacionados psicologicamente de forma íntima.”...” A confiança nos outros é uma necessidade psicológica de um tipo persistente e recorrente. Tirar segurança da fidedignidade ou integridade de outros é uma espécie de ranhura emocional que acompanha a experiência de ambientes familiares, sociais e materiais.”...” o mundo que se transforma gradativamente da familiaridade do lar e da vizinhança local para um tempo-espaço indefinido — não é de modo algum um mundo puramente impessoal. Pelo contrário, relações íntimas podem ser mantidas à distância (contato regular e corroborado pode ser feito com outros indivíduos em virtualmente qualquer lugar da superfície da Terra — bem como um pouco acima e abaixo), e laços pessoais são continuamente atados com outrora que nos eram desconhecidos” (Giddens, 1991 , p.84,89 e 127).</p>	Observar na narrativa do sujeito, como são construídas suas relações pessoais, como são feitas as escolhas e como as mesmas se relacionam com a segurança ontológica
ORIENTAÇÃO PARA O FUTURO		<p>“A historicidade, na verdade, nos orienta primeiramente para o futuro. O futuro é visto como essencialmente aberto, embora como contrafactualmente condicional sobre linhas de ação assumidas com possibilidades futuras em mente. Este é um aspecto fundamental do "alongamento" tempo-espaço que as condições da modernidade tornam possível e necessário. A "futuurologia" — o mapeamento de futuros possíveis/desejáveis/disponíveis — se torna mais importante que mapear o passado.” (Giddens, 1991, p.49)</p>	Observaremos como indivíduos que estão orientados para o futuro, encontram a segurança ontológica nos novos ambientes, alimentados pelos desejos e planejamentos futuros.
ADAPTAÇÃO AO RISCO	AO	<p>“podemos distinguir o que devo chamar de engajamento radical, pelo que me refiro a uma atitude de contestação prática para com as fontes percebidas de perigo. Aqueles que assumem uma postura de engajamento radical alegam que, embora estejamos cercados por graves problemas, podemos e devemos nos mobilizar para reduzir seu impacto ou para transcendê-los...”(Giddens, 1991, p.122).</p>	Buscar identificar como o consumo pode contribuir para esta adaptação aos riscos inerentes aos novos ambientes de convívio, que tenha trazido segurança.

Fonte: Elaborado pela autora.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Ao todo foram realizadas 09 (nove) entrevistas individuais, com expatriados brasileiros. Seus perfis estão descritos a seguir no Quadro 2.

Quadro 2 – Perfil dos Entrevistados

PAÍSES	GÊNERO	IDADE	TEMPO DE EXPATRIAÇÃO
Emirados Árabes Unidos, Inglaterra Reino Unido	Masculino	43	7 anos
Reino Unido	Feminino	63	2 anos
Reino Unido	Masculino	37	9 meses
Reino Unido	Feminino	34	9 meses
Emirados Árabes Unidos - Dubai	Feminino	27	5 anos
Emirados Árabes Unidos-Dubai	Masculino	36	4 anos
Canadá	Feminino	45	2 anos
Reino Unido	Masculino	24	1 ano e 3 meses
França, Alemanha e EUA	Feminino	26	18 anos

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas foram individuais, com tempo estimado de 1 hora e trinta minutos de duração. Antes de iniciar a entrevista, o entrevistado foi informado sobre a pesquisa e solicitado ao mesmo, sua autorização para o uso dos dados na pesquisa, preservando os dados pessoais. Todas as entrevistas foram realizadas com o uso do WhatsApp via áudio, pela facilidade e conveniência dos entrevistados, justificado também pelas diferenças de fuso horário. Nos Emirados Árabes Unidos, por exemplo, onde realizamos três entrevistas, não seria possível fazê-las via vídeo, devido ao país não permitir este tipo de comunicação.

Foi elaborado um roteiro de entrevistas com base nas categorias de análise a priori e formuladas perguntas que pudessemos verificar a (in)segurança ontológica do sujeito, convidando o entrevistado a fazer descrições e trazer o que vinha à sua mente (Bauer e Gaskell, 2003). Os entrevistados ficaram muito à vontade para responder as perguntas, preservando a sua

espontaneidade e a disponibilidade de cada um. Com base nas categorias de análise, foram considerados na elaboração do roteiro de entrevistas os seguintes temas gerais:

1. Projeções que o entrevistado fazia de uma experiência como expatriado;
2. Motivações presentes para realizar experiências como expatriado;
3. Percepções sentidas na prática da vivência;
4. Fatores que contribuíram para melhorar a experiência;
5. Tipos de consumo que contribuíram de alguma forma nas experiências e como se relacionaram a segurança ontológica.

As entrevistas foram conduzidas através das categorias a priori, criadas com base na teoria de Giddens (2002). O foco da análise foi identificar e descrever a forma como as práticas de consumo se articulam, na busca de sensações que remetam ao que Giddens (2002) chama de segurança ontológica. Os bens, serviços e ações de consumo identificados nas narrativas foram desmembrados por temáticas, classificando e dividindo as significações do discurso em categorias.

Para a interpretação dos dados coletados utilizamos o software de análise de dados qualitativos MAXQDA, o que nos permitiu uma análise apurada do conteúdo. As entrevistas foram transcritas manualmente e o arquivo importado para dentro do MAXQDA, onde o material coletado foi sendo tratado com ferramentas do software, que permitiram a exploração através de codificações de partes dos textos entendidas como unidades de registro. Os termos foram analisados partindo das categorias a priori e trabalhados conforme íamos identificando aspectos semelhantes nas codificações. Sendo então os trechos das entrevistas com estas características, analisados dentro das categorias. Com apoio do software, o tratamento dos dados foi categorizado e agrupado pela ferramenta Smart Publisher para posterior inserção do conteúdo na dissertação.

Na etapa de exploração do material, verificamos o surgimento de categorias a posteriori, justificadas quando da interpretação dos dados coletados, informações novas, não previstas na teoria de Giddens, que também nos traduziu como um barreira ou um caminho encontrado, a partir da interpretação dos relatos dos expatriados, que interferiram na segurança ontológica, conforme o quadro 3 apresentado a seguir.

Quadro 3: Categorias Temáticas à Posteriori

Categorias	Definição constitutiva	Definição operacional (como o fenômeno será observado)
ADAPTAÇÃO À LINGUA ESTRANGEIRA	No processo de adaptação, em que o não conhecimento da língua do país se tornou uma barreira para o consumo, sendo um fator que não contribuiu para sua segurança ontológica	O entrevistado foi observado em sua narrativa no uso de palavras que definiram o não conhecimento da língua como barreira.
DESENCAIXE	No processo de adaptação, surgiram fatores que não estavam inicialmente previstos ou não foram escolhidos pelo expatriado, sendo o consumo utilizado para contribuir para a segurança ontológica	O entrevistado foi observado quando na sua narrativa demonstrou características emocionais trazidas por situações que não se encaixam no seu projeto de vida
PREFERÊNCIA PELO CONSUMO BRASILEIRO	O processo de segurança ontológica é verificado nas escolhas de consumo, que trazem significados e revelam um lugar seguro	Quando as escolhas de consumo feitas pelos expatriados são feitas pela preferência de manutenção de consumo.
ACESSO A UM CONSUMO DIFERENCIADO	A segurança ontológica reforçada pela facilidade de acesso ao consumo diferenciado e as características trazidas pelo consumo	Quando o expatriado demonstra na sua narrativa, o acesso ao consumo como um privilégio, colaborando na segurança ontológica

Fonte: Elaborado pela autora.

Antes de entrarmos na análise e discussão, trazemos agora uma complementação do que chamamos de perfil dos entrevistados, dados estes filtrados através do software MAXQDA, relacionados ao seu momento anterior à expatriação ou o que motivou a sua experiência.

entrevista Londres_gen_f_63 - expatriada esposa de um militar, acostumada a morar em lugares diferentes, teve a primeira experiência internacional, indo com o marido e os 04 filhos para Londres por 2 anos, deixando a casa fechada no Brasil.

entrevista Dubai_gen_m_43 - expatriado professor universitário, saiu do país em busca de novas experiências em universidades renomadas, motivado pelo seu plano profissional. Era solteiro e conheceu uma brasileira que havia ido estudar fora do país, hoje eles são casados e tem um filho, moram em Dubai.

entrevista França_Alemanha_EUA_gen_f_26 - inicialmente, a expatriada decidiu estudar fora do país para viabilizar uma nova oportunidade profissional. Foi solteira e lá conheceu seu futuro marido, o que mudou os seus planos iniciais. Casou-se, teve 03 filhas e ficou 18 anos fora do país, repatriando depois com toda a família no seu país.

entrevista Inglaterra_gen_m_24 - expatriado aos 24 anos, preocupado com a sua segurança no Brasil e com planos de sair do país já elaborado desde muito novo. Casou-se no Brasil e combinou de ir sozinho, antes da esposa, para estruturar lugar e arranjar um emprego, formado em direito no Brasil, não se encaixou inicialmente na sua profissão.

entrevista Inglaterra_gen_f_34 – expatriada casada, já havia tido experiências fora do país, como solteira, decidiu em conjunto com o marido saírem do Brasil, venderam tudo que possuíam, se despediram dos amigos e familiares e foram viver a experiência como expatriados.

entrevista Canada_gen_f_45 - expatriada que planejou com o marido e as duas filhas, durante 2 anos, saírem do país juntos, tinham uma condição financeira satisfatória no Brasil, mas planejavam um futuro com maior segurança e maior conforto. Deixaram familiares no Brasil.

entrevista Dubai_gen_m_36 - expatriado teve a esposa transferida profissionalmente para fora do país, assim pediu também no seu trabalho uma oportunidade na filial da sua em Dubai, foram primeiro conhecer o país e depois se mudaram com uma filha, fora do país planejaram ter mais uma filha, vivem em Dubai.

entrevista Dubai_gen_f_27 - a experiência dessa expatriada iniciou através da vontade de estudar fora, quando a mãe teve uma oportunidade de sair do país, ela a acompanhou para ajuda-la na compreensão da língua estrangeira. Nesse período ela conheceu o futuro marido, casaram e tiveram um filho, moraram em outros países e hoje moram em Dubai.

entrevista Inglaterra_gen_m_37 - esse expatriado fez algumas viagens internacionais antes de pensar em viver fora do país, já tinha uma irmã que morava na Inglaterra com o marido e filhas, o que serviu de apoio na expatriação dele. Ele foi com a esposa apostando numa melhor qualidade de vida e um reconhecimento na profissão. Deixou família e amigos no Brasil, os quais procura ter um contato frequente.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão abordadas as análises, a partir das entrevistas realizadas com os expatriados, segmentando as categorias de análises separadamente e trazendo a discussão com a teoria. A partir da teoria de Giddens (1991), que diz que todas as pessoas desenvolvem um referencial de segurança ontológica, trouxemos aqui separados por categorias, artifícios que promovem vivências com sentimentos de (in)segurança ontológica. Antes de iniciar a análise por categorias, destacamos aqui o depoimento de uma expatriada que contribuiu muito para caracterizarmos uma forma de manifestação relacionada à segurança ontológica, a forma como melhor vamos perceber é exatamente na sua ausência.

Você aprende a viver com isso, às vezes é surpreendente, porque aqui você vai ter que reaprender tudo, eu costumo dizer que aqui a gente começa do zero, a gente tem uma bagagem na cabeça, só que todas as experiências são novas, você só sabe que vai ter dessa experiência, quando você vive dessa experiência, porque nada do que vivi ainda na minha vida, se compara a viver fora e essas dificuldades da família, da lacuna, do gap, de você não ter com quem dividir, não ter com quem compartilhar, isso é inerente a vida do imigrante, é muito difícil, é uma das coisas mais difíceis, uma das barreiras mais difíceis e a gente lida com isso, construindo novas amizades, reconstruindo uma vida aqui, isso demanda tempo e paciência, investir em novos relacionamentos, estar aberta para novos relacionamentos, novas amizades.

Canada_gen_f_45

No contraponto, complementando esse contexto, entendemos como oportuno trazer também um outro trecho de entrevista de outra expatriada. Neste relato, a expatriada retrata o que é viver a segurança ontológica, como o consumo contribui nas relações de confiança e na adaptação ao país, representando uma continuidade da sua narrativa identitária.

"Eu acho que hoje definitivamente, a Inglaterra é como estar no Brasil, eu tenho a mesma segurança, a mesma sensação, a mesma satisfação, eu não me sinto mais tanto uma estrangeira fora do ninho, eu acho que eu conquistei meu espaço, eu consegui me acomodar, eu consegui entrar numa rotina, ter as minhas coisas, tanto materiais quanto pessoais, atingir os meus targets, ter os meus amigos, então hoje eu sinto como uma continuidade, pra mim eu não vejo mais essa quebra entre Brasil e Inglaterra, pra mim aqui é uma continuidade da minha vida [...] eu me sinto completamente confortável na vida que eu tenho, como se estivesse no Brasil."

Inglaterra_gen_f_34

As categorias de análise permitem uma segmentação dos conteúdos das entrevistas, as categorias a priori foram construídas com base no referencial teórico e durante a fase do campo,

percebemos que outros temas se destacaram, surgindo as categorias a posteriori. Veremos nesta seção, a análise das entrevistas realizadas, separadas pelas categorias ou temas e para cada categoria destacamos trecho(s) de entrevista(s) que nos confirmam o que anteriormente foi visto pela teoria, quando não, foram analisados como categorias a posteriori, trazendo fatos novos não previstos pela teoria.

Importante trazermos como análise, como o consumo, direta ou indiretamente se relaciona com a segurança ontológica, fazendo uma relação direta ou indireta. Podemos chamar de relação direta quando a segurança ontológica está relacionada diretamente ao consumo de produtos ou serviços que gerem segurança ontológica, ou da impossibilidade do consumo gerar a insegurança ontológica. Já a relação indireta seria representada por atitudes tomadas que, no fim, buscam a segurança ontológica, revelando pontos de apoio, por exemplo, na participação ou adesão a uma comunidade que se utiliza de um tipo de consumo e, dessa forma, o consumo seja acessado.

A primeira categoria de análise a ser trabalhada será a de crenças, em que Giddens (1991) prevê apenas um tipo de crença geradora de confiança no ser humano, a crença religiosa, porém durante a pesquisa de campo surgiram outros tipos de crença, como a crença no país destino e a crença em si mesmo.

4.1 CRENÇAS

Segundo Giddens (1991), algumas crenças pessoais são baseadas em elementos de confiança, o que cria um sentido de segurança ontológica dentro da qual as pessoas criam o seu sistema de crenças pessoal. As crenças e a busca do lugar ou templo religioso e o relacionamento com a comunidade religiosa também representam um tipo de consumo, está sendo oferecido um serviço, uma cerimônia religiosa para aquelas pessoas que desejarem buscá-la. No trecho da entrevista apresentado abaixo, a crença religiosa e o relacionamento com a comunidade representam um consumo buscado pela expatriada que colaborou com a sua segurança ontológica facilitando a sua adaptação cultural do país.

Esse convívio no meio cristão, no meio de igreja, nos fez lidar com diferentes culturas, com diferentes níveis intelectuais, culturais e sociais e ao mesmo tempo, nos transformava em pessoas maduras que sabíamos respeitar, entender, te garanto que eu tive relacionamentos muito mais profundos e sinceros com os amigos da minha primeira vida cristã ali na igreja internacional, no caso, do que nos dias de hoje, aqui no Brasil.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

Continuar a frequentar a cerimônia religiosa e o templo religioso em outro país foram hábitos que trouxeram para esta expatriada uma relação familiar, uma narrativa identitária que traduziu uma continuidade. A segurança ontológica é manifesta através da fácil adaptação, apesar de estar num culto em língua estrangeira e a expatriada não ter total domínio da língua, sua segurança foi apoiada na comunidade brasileira.

Definitivamente eu me sinto em casa lá, como me sentia em casa no Brasil e isso não tem preço, isso é uma coisa que eu não vejo nem diferença, você acredita? mesmo o culto sendo em inglês, as coisas acontecendo em inglês, eu não sinto diferença, e a comunidade brasileira lá na minha igreja é muito grande também e isso é uma coisa que ajuda.

Canada_gen_f_45

No trecho de entrevista abaixo, a expatriada já havia passado por outra cidade no Canadá, porém a cidade não oferecia uma igreja e por ser uma família cristã, a falta do consumo religioso trouxe insegurança. Quando ela foi para cidade que vive hoje, buscou uma igreja. A crença religiosa e o consumo de novos relacionamentos facilitaram a adaptação desta família, uma vez que vivenciaram o ataque na segurança ontológica em outra cidade.

Nós somos cristãos, então a gente teve o apoio da igreja, encontramos uma igreja aqui muito acolhedora e isso fez toda a diferença no nosso processo de readaptação aqui, a gente passou um ano e meio em uma outra cidade que a gente não tinha igreja, a gente não tinha amigos e isso foi uma tormenta, quando nós chegamos aqui nessa nova cidade, a gente realmente agora encontrou um refrigerio, eu posso dizer que ter uma igreja aqui, se torna uma segunda família, a família que a gente escolhe e isso é muito importante.

Canada_gen_f_45

Na entrevista seguinte, a confiança foi o fator decisivo para a expatriada ir para outro país, a confiança na fé cristã trouxe o lugar de segurança ontológica. O apoio na fé também trouxe características de orientação para um futuro com a garantia. O consumo de fé foi a forma encontrada de lidar com as inseguranças que surgissem.

Eu sinto a questão religiosa como uma aprovação, como uma segurança tipo vai que eu estou contigo, vai dar certo, uma coisa muito pessoal, minha com Deus[...]. Acredito nisso como uma aprovação, o plano é nosso, meu e de Deus.

Canada_gen_f_45

No relato da entrevistada abaixo ela falou da liberdade que o Brasil proporciona, a crença sendo o facilitador, sem tem que lidar com os preconceitos em outros países, o que pode ser apontado como um tipo de manifestação relacionada à segurança ontológica. Em Giddens

(1991), não vemos o preconceito como um fator gerador de segurança ontológica, achamos interessante trazer como análise. A expatriada encontrou esta segurança na sua repatriação no Brasil, isto é, no consumo da religião no seu país.

Eu tenho muito desejo de estar perto de Deus e o Brasil segue uma caminhada de relacionamento mais exposto, tanto com seres humanos via redes sociais quanto religioso também, a gente é mais aberto, um povo mais aberto.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

No trecho de entrevista abaixo, há uma outra forma de crença, distinta da religiosa – a crença no país - mediada pelo consumo, acreditando que a mudança para outro país promoveria uma vantagem no consumo de bens e serviços, definindo uma nova forma de vida, com segurança ontológica. Este expatriado sempre teve o sonho de sair do Brasil, motivado por maior segurança e um consumo de maior qualidade.

Meu ponto de apoio está intrinsicamente ligado a minha motivação, porque eu acreditava que aqui no país eu ia ter um consumo mais barato dos produtos em geral, conseguiria comprar supermercado mais barato, carro mais barato, eu acreditava que a segurança aqui seria melhor, que eu ia poder andar na rua despreocupado, que a minha qualidade de vida seria melhor, a questão de saúde, educação para os meus futuros filhos, acreditando no país mesmo.

Inglaterra_gen_m_24

Como dissemos no início desta análise da categoria “CRENÇAS”, percebemos também no campo que a crença pode estar apoiada no próprio sujeito e não em crenças religiosas ou no país destino, mas numa confiança em si mesmo, para viver a experiência de expatriado e garantir a sua segurança. No trecho de entrevista seguinte, trouxemos o relato de um expatriado.

A minha confiança foi baseada nos resultados, nas coisas que eu já tinha conquistado no Brasil, no meu desempenho profissional, que já vinha muito bem no Brasil e quando eu comparava isso com outras pessoas fora do Brasil, eu via que eu estava na frente, pessoas que eu admirava, que tinham uma projeção grande e aí eu falei, poxa... se eu sou mais novo e estou na frente de uma pessoa que eu admiro, do ponto de vista de conhecimento, porque eu não posso ir... então foi baseado nisso.

Dubai_gen_m_43

O quadro 4, apresentado a seguir, traz um resumo da categoria “CRENÇAS” e as formas encontradas de crenças.

Quadro 4 - Quadro Resumo da Categoria de Crenças

Crenças Pessoais	Religião	Busca da S.O. a partir do consumo de serviços religiosos e do convívio com a congregação (explicação rápida a respeito formas manifestadas nos dados)
	País de Destino	Busca da S.O. a partir da ideia de que o país de destino conta com mercado mais desenvolvido e permite mais acesso a bens e serviços
	Crença em si mesmo	Busca da S.O. a partir da ideia de que os atributos pessoais funcionam como uma garantia, seriam o produto a ser consumido.

Fonte: Elaborada pela autora.

4.2 NARRATIVA IDENTITÁRIA

Segundo Giddens (1991), manter narrativas biográficas passa pelo projeto reflexivo do eu, na manutenção de narrativas coerentes, revisadas, escolhidas, na reconstituição da vida diária num estilo de vida, num planejamento de vida reflexivamente organizado. Uma forma dessas narrativas serem exteriorizadas é por meio do consumo, como uma forma de exibição simbólica. Foi observada durante a fase de campo da pesquisa, a construção de uma narrativa coerente com uma identidade buscada pelo sujeito, com características diversas.

No primeiro trecho de entrevista que trazemos abaixo, são revelados aspectos da sua identidade cultural, do seu país de origem. Para que ela se sentisse melhor, foi necessário mudar uma rotina, porque, no Brasil, temos o sol disponível praticamente todos os dias, podemos consumi-lo com mais liberdade, no entanto, no país destino seria necessária uma readaptação de rotina. O tipo de manifestação da segurança ontológica, neste caso, seria o estado emocional das pessoas.

Então o que aconteceu, eu sentia falta sim, primeiro do sol, porque nós somos de país ensolarado, toda vez que tinha um dia de sol, que não era coisa frequente lá na França, meus amigos me ligavam e falava, vamos aproveitar esse dia, para de dormir, você tem que aproveitar esse dia, esse dia é muito importante, nós aqui no Brasil a gente despreza tanto sol que tem nesse país, então o sol lá na Europa ele rege o estado emocional das pessoas e é muito importante saber aproveitá-lo porque precisa ter uma reserva para os dias de frio, de chuva que são muito longos, as estações de frio são muito mais longas que as de calor.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

A identidade cultural, caracterizada na narrativa abaixo, fala dos seus hábitos de consumo. Percebemos na análise do campo como os aspectos do consumo alimentar têm características específicas de um país para o outro. O consumo alimentar bem como a manutenção dele colaboram para a segurança ontológica do expatriado. Na entrevista abaixo, esta brasileira encontrou formas de adaptar seu consumo à sua identidade cultural e também à cultura francesa, trazendo maior segurança ontológica, vemos que o consumo foi um facilitador na sua adaptação.

Tem frutas que eu fiquei 17 anos sem comer, cheguei a comprar uma fruta semelhante mas que não tinha o mesmo sabor, então me causava uma certa melancolia, por não encontrar aquele sabor e quando eu encontrava alguma fruta, mesmo vindo da África, mas que me trazia aquele saborzinho da fruta daqui do Brasil, isso me fazia me alegrar muito, mas eu também abri bastante a minha mente pra gostar e apreciar e viver os prazeres das estações lá, no caso, na França e não é difícil se apaixonar pela cultura francesa, porque ela tem muitos encantos.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

Nessa narrativa identitária, percebemos a importância do consumo como uma opção para buscar aceitação e quebrar códigos de conduta, a expatriada lidava com um ambiente social que não aprovava a sua identidade de brasileira, o que provocou uma grande mudança na sua forma de consumir. O consumo foi então uma forma de responder as inseguranças e de ter uma aprovação da sua identidade, como uma característica adaptável a partir das suas escolhas.

Eu entendi que culturalmente eu tinha que mudar o código para eu ser um pouco mais respeitada, não cheguei a ser como eu queria, mas tive que me impor pra não passar por uma garota de programa que casou por misericórdia do marido, então eu rapidamente, já cortei os cabelos curtos, tirei esse ar de morena tropicana, para poder me tornar uma esposa e mãe, mudei totalmente a minha vestimenta, roupa, sapatos, isso pra mim não foi um sofrimento porque eu gosto de entender a forma das pessoas se vestirem, o código que elas passam e roupa é mensagem, roupa é porta de acesso.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

A confiança precede a segurança ontológica, conforme apontado por Giddens (1991), quando o sujeito faz as suas escolhas baseadas em confiança, mesmo sem ainda ter vivido sua experiência de expatriação, essa confiança será testada durante a experiência, e esta poderá ser convertida em segurança ontológica ou não. Na narrativa identitária apresentada a seguir, vemos que o entrevistado fala de confiança em primeiro lugar, confiança em vários fatores, principalmente no consumo.

Acho que aumenta a confiança aquela impressão que você toma a decisão certa, do que o país aqui te oferece e de novo, mais a questão de consumo, de você poder pagar um colégio ótimo para tua filha, que não poderia no Brasil, você ter segurança, que você não paga, é um direito do cidadão, de novo a questão de cultura, a questão de casa, enfim, isso tudo, tudo que eu vivo aqui me dá mais confiança que eu tomei a decisão certa, me dá mais gás, empolgação para continuar aqui, eu estou vendo as coisas que são boas.

Dubai_gen_m_36

O trecho de entrevista que segue abaixo trata de uma expatriada que está fora do Brasil há 6 anos e já passou por alguns países, hoje ela vive em Dubai com o marido e o filho, apesar de já ter essa experiência, pelo seu relato podemos ver que o consumo foi sempre uma referência, um apoio para sua segurança ontológica, como o consumo de blogs e vídeos realizados por brasileiros.

Quando eu estou num país estrangeiro, que eu não conheço nada, eu sempre busco conteúdo por brasileiros que já moram aqui, é curioso pensar nisso, mas antes de vir pra cá, eu vi bastante blogs, bastante vídeos no *youtube*, sobre brasileiros que estavam aqui e ia pegando as dicas, que operadora de celular eles escolheram, qual banco que eles usavam, porque eu já tinha pelo menos uma referência, por vezes você não vai consumir o produto em si, mas você procura a informação vinda de um brasileiro, você vai consumir o conteúdo de alguém do seu país, para estabelecer uma referência na escolha de marcas e serviços.

Dubai_gen_f_27

Trazemos na próxima entrevista, o que achamos ser um fato novo, não citado por Giddens (1991), um fator que também interfere na segurança ontológica. Observamos em alguns relatos que o “tempo” é um fator que contribui para a segurança ontológica. Neste caso, a expatriada não tinha mais o suporte da família por perto, o que interferia diretamente na sua segurança ontológica, apesar do plano de expatriação ter sido uma escolha pessoal, só o tempo trouxe um afrouxamento desta insegurança, o tempo como um fator de consumo, ele precisou ser consumido para que trouxesse a segurança ontológica. O tempo aqui também foi o aliviador da pressão gerada pelas inseguranças, a adaptação vai sendo processada gradativamente e não de um dia para o outro.

Com relação aos amigos e familiares que ficaram no Brasil, os familiares são nosso porto seguro não é, a nossa ancora no Brasil e infelizmente a gente tem que aprender a lidar com isso, pra mim isso foi de longe a parte mais difícil, hoje depois de dois anos eu posso dizer que está bem melhor do que no início,

apesar de imigrar ser uma escolha pessoal minha e da minha família, a gente se programou, se planejou muito para vir, mas a partir do momento que eu estava vivendo isso, eu percebi que a falta que eles me faziam era muito maior do que qualquer pensamento que um dia eu possa ter tido.

Canada_gen_f_45

Quadro Resumo das formas de apresentação da categoria Narrativa biográfica e as suas peculiaridades.

Quadro 5 – Quadro Resumo da Categoria de Narrativa Biográfica

CATEGORIA	FORMAS	Consumo x S.O.	EXEMPLOS
Narrativa biográfica	hábitos de consumo	Busca de Segurança Ontológica Através do Consumo	Na alimentação adaptada
	Readaptação nas rotinas		Consumo do sol
	Novas identidades		Adaptação no vestir
	Base na confiança inicial		Momento anterior a expatriação
	Conhecimento preexistente adquirido através de brasileiros		Exemplo de dicas de serviços
	Relações de confiança		Exemplo do uso do tempo

Fonte: Elaborado pela autora.

Partindo para uma outra categoria de análise, veremos quais são os tipos de riscos que surgiram e como foram enfrentados pelos expatriados. Os riscos são considerados um ataque à segurança ontológica, eles surgem durante a experiência de expatriação e, com o intuito de reduzir o seu impacto, é necessário um processo de adaptação do expatriado às situações de risco.

4.3 ADAPTAÇÃO AO RISCO

Segundo Giddens (2002), “reconhecer a existência de um risco ou conjunto de riscos é aceitar não só a possibilidade de que as coisas possam sair erradas, mas que esta possibilidade não pode ser eliminada”. O medo é universal e não cultural, e precisa ser considerado para que não seja um tipo de manifestação contra a segurança ontológica, Giddens nos traz que:

O medo produz a emoção, mas é o medo que é redirecionado em forma de domínio. A emoção do risco cultivado se nutre daquela "coragem de ser" que é característica da primeira socialização. A coragem é demonstrada no risco cultivado precisamente como uma qualidade que é posta em julgamento -o indivíduo se submete a um teste de integridade mostrando capacidade de perceber o lado "de baixo" dos riscos que corre, e segue em frente apesar de tudo, mesmo não sendo obrigado a fazê-lo. A procura da emoção ou, de maneira mais sóbria, da sensação de domínio que vem com o enfrentamento deliberado do perigo, sem dúvida deriva em parte de seu contraste com a rotina[...] (Giddens,2002 p.125).

No recorte da entrevista abaixo, o enfrentamento foi uma forma encontrada pela expatriada para lidar com as suas inseguranças, porque ela estava lidando com a dor, com suas emoções e o risco de não conseguir se expressar na língua.

"com relação a serviço, quando eu tive que ir ao dentista eu chorei copiosamente, porque eu estava apavorada, primeiro que eu tinha medo de me expressar em inglês e eu estava com dor, segundo eu tinha medo dos procedimentos que o dentista ia usar em mim, terceiro, eu não conhecia as palavras técnicas que a gente conhece no português para falar em inglês,"

Canada_gen_f_45

As escolhas são forçadas para uma adaptação, o que expõe o expatriado a lidar com os riscos que não podem ser eliminados, ele aprende a conviver com eles. Nesse caso, o consumo não pôde colaborar; ele teve que conviver com isso, certo que a sua segurança ontológica estaria amparada na sua escolha e no apoio da família e dos amigos mais próximos. Conforme esse trecho da entrevista abaixo.

Por exemplo, natal, eu não vou mentir que eu gostaria de estar com a minha família no Brasil, mas eu sei também que é muito caro e além de ser caro também é complicado, por exemplo, por aqui as aulas e o meu trabalho continuam, enfim não tem essa pausa num feriado religioso, a gente está num país islâmico.

Dubai_gen_f_27

Os riscos que estão incluídos na escolha de um país fazem parte de uma rotina que não pode ser mudada, eles apenas existem, apesar de não necessariamente se manifestarem. O risco se manifesta como uma insegurança ontológica, e, os artifícios encontrados para lidar com ele operam por meio da facilidade de adaptação do brasileiro a várias situações, a confiança em si e o consumo dos serviços disponíveis que colaboram com um certo conforto. Nos três exemplos

abaixo, trouxemos exemplos da manifestação da insegurança ontológica relacionadas a escolha do país.

Hoje eu estou aqui, sou professor concursado, mas pode acontecer de uma guerra estourar e eu tenho que ir embora, pode ser que de repente eu não me adapte mais ao calor, não consiga suportar mais o ar condicionado, viver em ar condicionado, em bolha de ar condicionado como vivo e tenha que ir embora.

Dubai_gen_m_43

No país que eu estou vivendo, por mais que você fique aqui 10 anos, você não vai conquistar nacionalidade, então é um risco que eu corro, é um risco de repente eu me apaixonar, eu fazer muitos amigos, de eu até vir a comprar um imóvel no futuro, mais eu sei que nunca vou ter a nacionalidade daqui,

Dubai_gen_f_27

Por conta também de agora estarmos morando nos Emirados Árabes Unidos, e por aqui a vídeo chamada ser bloqueada, então isso dificulta, porque antes eu tinha a sensação de fato estar conversando com amigos e família e eu senti que desde que a gente veio morar aqui, por não ter esta ferramenta, de poder ver e falar ao vivo com as pessoas, isso um pouco que começou a me afastar e de ter uma relação propriamente mais forte com a família e com os amigos do Brasil.

Dubai_gen_f_27

Um fator de risco que surgiu na pesquisa, antes não abordado por Giddens (1991), foi relacionado ao preconceito, quando o expatriado se depara com elementos presentes na cultura do país destino, que surgem de generalizações ou processos históricos que causam estranhamento e hostilidade. Neste trecho abaixo a expatriada já havia vivido dois anos na França e sentiu muito esse desencaixe proporcionado pela mudança para a Alemanha, por ocasião do trabalho do marido.

A Alemanha era mais fria, era menos encantadora nas suas distrações, os alemães ainda menos interessados em interagir com os estrangeiros, sobretudo estrangeiros latinos, então ali eu vivi todos os preconceitos que se discute hoje em dia na questão inclusão social e racial e tudo o mais.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

Os riscos que surgiram nos relatos dos expatriados também demonstraram características inerentes à expatriação, neste exemplo do recorte dessa entrevista vemos a preocupação com o expatriado em relação a sua saúde e os aspectos relacionados em ser um

estrangeiro, o que colabora para sua insegurança ontológica, podendo ser remediado com o consumo de serviços de cuidado do corpo, porém adaptados a uma nova rotina no país.

Eu sei que não posso me machucar, eu sei que não posso ficar doente, se ficar eu tenho que me recuperar logo, porque isso tudo? No Brasil, a gente tem um amparo da família, amparo dos amigos, um amparo da língua né, um amparo do próprio serviço de saúde, mesmo que se tenha um serviço de saúde excelente em outros países, você estar no seu país é outra coisa, é totalmente diferente.

Dubai_gen_m_43

Um outro aspecto relevante na vida de um expatriado, levantado nos relatos da expatriada abaixo, se refere ao “deslumbramento” ou “sedução” com o dinheiro, motivado pela nova experiência com dinheiro ao lidar com uma moeda de maior valor, que represente maior capacidade de consumo, especificamente analisando a moeda brasileira frente a outras moedas mais fortes.

Esse “deslumbramento” ou “sedução” pode ser visto como um fator gerador de insegurança ontológica, trazido pelo consumo descontrolado, pela maior liberdade de consumo, sendo assim, revelando um grande desconforto nas consequências derivadas desse comportamento.

Poderíamos apontar como um fator novo, não abordado por Giddens (1991), que pode comprometer a segurança ontológica do sujeito. Em Prustello (2011), trouxemos o que ele chamou do sujeito orientado pela sedução e desejo, caracterizando uma nova identidade e interferindo na sua adaptação.

Os brasileiros que moram lá fora, o tópico número 1 de preocupação deles, não criticando, porque é uma necessidade, são as finanças, mas os brasileiros se deslumbram com riqueza; eu tenho preocupação do deslumbramento com riqueza porque um dia você dorme com dinheiro e acorda sem, a vida da uma viravolta muito rápida e você pode não contar com mais nada e com mais ninguém, então eu jamais me aventuraria num país onde eu não teria direitos do cidadão natural do país, porque eu acho que se já há injustiça como cidadão, quanto mais como estrangeiro.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

Qualquer mudança em si é um fator de desconforto para o ser humano, que tende a ficar na zona de conforto. Quando o expatriado foi exposto desta forma, vimos que ele precisou ser

emocionalmente equilibrado, porque poderia ser abatido pela solidão ou desesperança. As relações de confiança tiveram um papel importante na administração da estabilidade emocional demonstrado nos relatos da expatriada em relação a sua adaptação e do seu marido, abaixo descrito, se configurando como um tipo de manifestação da sua segurança ontológica.

Ele tem amigos que ele tem afinidades com eles, como isso é importante, pra nossa vida, pra manter nossa saúde emocional aqui, porque a saúde emocional aqui é muito instável, muito frágil, porque são muitos, muitos fatores, que jogam contra a gente, quando a gente está fora do país, a gente está completamente fora da nossa zona de conforto e isso é um desafio que a gente tem que vencer a cada dia, uma batalha que a gente tem que vencer a cada dia, não é fácil essa empreitada de deixar tudo pra trás e vir morar em outro país, é uma coisa que tem que ser muito bem analisada porque senão você pira, a gente pira facinho.

Canada_gen_f_45

Logo abaixo apresentamos o Quadro 6, o qual apresenta exemplos de riscos surgidos, demonstrando um resumo da categoria de adaptação aos riscos, surgidos durante a pesquisa de campo.

Quadro 6 – Quadro Resumo da Categoria Adaptação aos Riscos

Categoria	Fator de risco	Ataque a S.O.	Manifestação
Adaptação aos riscos	Consumo de serviços	Dificuldade com a língua	Medo
	Consumo de datas religiosas nacionais (Natal no Brasil)	Aspectos relacionados a religião do país	desejos
	País	Sistemas abstratos	guerras, videochamadas
	País	Regras nacionais	Nacionalidade
	País	Preconceito	Estrangeiros latinos
	Expatriação	Saúde	Estrangeiro
	Moeda	Deslumbramento	Consumo exagerado
	Mudanças	Equilíbrio emocional	Zona de conforto

Fonte: Elaborada pela autora.

Achamos relevante analisar separadamente o que entendemos ser uma categoria de análise a posteriori: a questão da adaptação à língua estrangeira, porque em muitos relatos de expatriados percebemos o quanto o não domínio ou a não intimidade com a língua foi um fator de insegurança, o que poderia ter comprometido a sua experiência como expatriado.

4.3.1 Adaptação a língua estrangeira

A barreira encontrada no domínio da língua estrangeira comprometeu a liberdade de relacionamento de alguns expatriados entrevistados. O bloqueio gerado por não dominarem a língua do país trouxe características que comprometeram as suas identidades durante o processo de adaptação. No relato abaixo em destaque, o expatriado tinha pouco menos de um ano na Inglaterra e por mais que ele enxergasse o consumo como uma válvula de descompressão para sua adaptação, ele esbarrou com a dificuldade de se expressar na língua do país, trazendo componentes novos para a sua adaptação ao país.

Mas amizade é uma coisa pra mim que eu sinto falta, sinto bastante falta, eu gostaria de bater no meu vizinho aqui e falar “oh, eu tenho aqui uma cerveja aqui na geladeira, vamos assistir um jogo, eu sinto falta disso, porque a língua afasta um pouco, ela dá um bloqueio, para chegar nas outras pessoas.

Inglaterra_gen_m_37

Quando o consumo é um artifício buscado pelo expatriado, porém encontra dificuldade no idioma como motivador da sua insegurança, ele conta, muitas vezes, com o auxílio de uma comunidade de brasileiros para ajudá-lo, como foi o caso desta expatriada, no trecho abaixo.

A experiência que eu tive na Alemanha, foi totalmente diferente, num país que eu cheguei e não sabia falar o idioma local, não sabia ler os rótulos, não tinha conhecimento nenhum de marca, do que assistir, enfim o acesso era muito mais difícil para consumir os produtos e demais serviços.

Dubai_gen_f_27

Para buscar maior intimidade com a língua, o artifício de buscar o consumo de programas de televisão foi o caminho buscado por esta expatriada no relato abaixo descrito, pela frequência do contato oferecido e por cooperar trazendo habitualidade com o idioma, funcionou como um auxílio na prática do idioma e como um afrouxamento para a sua insegurança.

No meu caso eu precisava da televisão, inclusive para reforçar a minha fluência em francês, assimilando uma boa linguística jornalística, assimilando sotaque.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

Conseguimos analisar neste caso seguinte, os aspectos relacionados às múltiplas identidades que formamos na interação com pessoas e ambientes diversos, cada identidade tem a sua característica própria que sofreu uma adaptação, passou por processo de escolha, vivenciou processos de aprendizado diferentes, retratando uma manifestação de (in)segurança ontológica, sendo o consumo ou o domínio do idioma um lugar de conforto.

Eu não me vejo com diferentes hábitos de consumo, me vejo com diferentes comportamentos em determinadas situações, por exemplo, alguém que, quando você é contrariado e falou alguma coisa pra você e você se sente magoado, a minha capacidade de resposta em inglês é diferente da minha capacidade de resposta em português, em inglês eu sou uma pessoa muito mais tranquila, muito mais calma do que eu sou em português, porque eu não tenho como responder de volta aquilo que eu estou sentindo do fundo do meu coração em inglês, eu não tenho ainda esse domínio próprio, isso demora muito pra gente poder ter essa desenvoltura, entendeu, por isso que eu acho que eu sou uma pessoa com uma personalidade diferente em inglês.

Canada_gen_f_45

Quadro 7 – Quadro Resumo da Categoria Adaptação à Língua Estrangeira

Categoria	Fator de risco	Manifestação	Consumo x S.O.
Adaptação à língua Estrangeira	Relacionamentos com vizinhos	Isolamento	Consumo agregador
	Familiaridade com o mercado	Estranhamento	Consumo como necessidade
	Fluência no idioma	Relacionamento com limitações	Consumo como prática de aprendizado
	Comportamentos diferentes	Personalidades diferentes	Consumo como identidade

Fonte: Elaborada pela autora.

Na categoria de análise seguinte, podemos verificar orientações que podem trazer um certo conforto ao presente, quando o expatriado estava focado no porvir, ele se permitiu passar por inseguranças momentâneas focado no seu plano futuro, o que pôde aliviar as inseguranças surgidas e facilitar o processo de adaptação.

4.4 ORIENTAÇÃO PARA O FUTURO

O processo de adaptação se efetua continuamente durante a experiência da expatriação. O expatriado passa por uma fase inicial considerada mais difícil, na qual estarão em foco todas as suas necessidades: físicas, financeiras, psicoemocionais e de consumo, bem como estarão

presentes suas indecisões, inseguranças e impulsos. Todo esse processo foi facilitado quando seu foco não estava somente no presente, mas em processar seu plano também para o futuro. Vimos isso sendo relatado em alguns casos, como deste expatriado que, apesar de viver experiências de uma expatriação recente, distende a sua segurança ontológica para um dia para frente, programando seu consumo de forma planejada.

Hoje a minha vida é mais planejada, aqui eu entendi que é um passo de cada vez, como eu falei não dá para parcelar compras, então você não pode ficar acumulando dívidas, porque isso vai te atrapalhar lá na frente, mas o nosso plano é comprar nossa casa própria, comprar casa nova, porque aqui tem muitas construtoras que compram terrenos, derrubam várias casas e montam casas novas, casas eficientes, casas mais modernas, e aí você consegue fazer um financiamento.

Inglaterra_gen_m_37

Quando o expatriado conseguiu planejar os seus desejos de consumo ele estava cooperando para um lugar de segurança ontológica. Naquele momento, estava vivenciando privações de consumo, o que funcionaria como uma manifestação de insegurança, porém no cumprimento de um propósito de consumo. Como descrito no relato abaixo.

Muitas das vezes, a gente passa por situações de privação em função de alguma coisa que a gente planeja consumir lá na frente, por exemplo, a gente não tem casa própria, ainda, então a gente está juntando dinheiro para dar entrada numa casa própria, para conseguir manter uma casa, isso tudo faz com que por exemplo a gente não esbanje dinheiro, indo a cinema toda hora, jantar fora todo dia, viajando, então com certeza, a gente passa por privações.

entrevista Canada_gen_f_45

A seguir trazemos o quadro resumo da categoria de análise, orientação para o futuro.

Quadro 8 – Quadro Resumo da Categoria de Análise Orientação para o Futuro

Categoria	Fator de risco	Manifestação	Consumo x S.O.
Orientação para o Futuro	Consumo dos sonhos	Privações	Consumo adiado x segurança ontológica gerenciada

Fonte: Elaborado pela autora.

A próxima categoria de análise a ser abordada será a categoria de Relações de Confiança, tendo que, segundo Giddens (1991), o ser humano precisa das relações de confiança para sua segurança ontológica. As escolhas das relações de confiança são processadas no

decorrer da experiência de expatriação, sendo um processo que poderá ser feito pela continuidade das relações familiares ou de amigos ou pela substituição de novas relações de confiança. Essa substituição é um processo necessário, de acordo com o relato de uma expatriada.

4.5 RELAÇÕES DE CONFIANÇA

A falta de convivência com amigos e parentes que ficaram no Brasil foi a justificativa dada pela expatriada que fez o relato abaixo. Disse ela que, apesar do significado da família e dos amigos brasileiros, o ser humano precisa se relacionar pessoalmente, vivenciando e compartilhando experiências, o que também vai colaborar para sua segurança ontológica.

Os meus amigos no Brasil, eles estão no Brasil, e a gente como ser humano, a gente precisa do contato físico, olhar no olho, estar perto, estar junto, eu não tenho como ir ao cinema com um amigo que está no Brasil eu estando no Canadá, então a gente precisa deste relacionamento vivo e a gente foi abençoado com relacionamentos assim, igualmente especiais aqui.

Canada_gen_f_45

As relações de confiança, nas condições sociais modernas, saem do âmbito familiar, compensadas por laços construídos em substituição. Segundo Giddens (1991), no contexto pré moderno, os laços familiares eram as principais ancoragens externas nas experiências de vida, vimos em alguns relatos de expatriados que uma das maiores dificuldades encontradas na expatriação foi a falta da família para compartilhar e apoiar suas experiências. Giddens (2002), nos traz que:

O parentesco geralmente proporciona uma rede estabilizadora de relações amigáveis ou íntimas que resistem através do tempo-espaço. O parentesco, em suma, fornece um nexos de conexões sociais fidedignas que, em princípio e muito comumente na prática, formam um meio organizador de relações de confiança.

Verificamos em muitos relatos que o equilíbrio emocional pode ter sido um tipo de manifestação à segurança ontológica, e, que uma das formas de lidar foi vista quando o expatriado tem com ele, vivenciando a experiência de expatriado, algum familiar, especificamente no relato da expatriada citado abaixo, que vive com o marido e o filho em Dubai.

se você não estabelece laços e relações fortes, você tem vontade de voltar toda hora para o seu país de origem

entrevista Dubai_gen_f_27

Sabe-se que não se estabelece relações de confiança de um dia para o outro. O fator “tempo” funciona no caso tanto como ataque à segurança ontológica para o expatriado que ainda está iniciando a sua experiência de expatriação mas também pode ser percebido e ter contribuído para a segurança ontológica, quando essa experiência fora do país já foi suficiente para estabelecer novas relações de confiança e familiaridade, como descrito abaixo nesses dois relatos de expatriados:

Não tem como você comparar aquele seu amigo de infância, aquele que você sabe que é seu confidente, aquele que você pode contar as coisas, que ele vai te escutar, vai te apoiar, te aconselhar, com amigos recentes né, com amigos de menos de um ano, então é complicado, acho que para poder substituir estas relações que a gente tem no Brasil, levam anos aqui no exterior.

entrevista Inglaterra_gen_m_24

Com relação aos amigos e familiares que ficaram no Brasil, os familiares é o nosso porto seguro não é, é a nossa ancora no Brasil, e infelizmente a gente tem que aprender a lidar com isso, pra mim isso foi de longe a parte mais difícil, hoje depois e dois anos eu posso dizer que está bem melhor do que no início, apesar de imigrar ser uma escolha pessoal minha e da minha família.

entrevista Canada_gen_f_45

Vemos pelos relatos a substituição nas relações de confiança, provocadas pelo afrouxamento nos laços familiares, pela distância e dificuldade de comunicação, o que pode ser amenizado pelas novas relações e até pela comunidade brasileira. Como no caso desta expatriada que passou dois anos em Londres acompanhando o marido em missão militar.

Mas como lá tinha um grupo de umas vinte famílias que já estavam lá, que nos deram apoio, então foi mais fácil, sabe, para a gente se adaptar, porque a gente se reunia mensalmente.

Londres_gen_f_63

Nesse relato também, o que cooperou para a segurança ontológica da expatriada foi o convívio com a comunidade brasileira. O consumo cultural do seu país pode ser visto como uma resposta a este ataque, à sua segurança:

Eu comecei a sentir muita falta de ter contato com pessoas que tenham a mesma cultura, que tenham a mesma base que a gente, então a gente realmente tem muitos amigos brasileiros e eles são fundamentais para a nossa vida, ajudam muito, me ajudam muito com a minha insegurança, de dar força um

para o outro, um entende o que o outro está passando e isso é um fator fundamental para eu poder me manter aqui emocionalmente estável.

Canada_gen_f_45

Fechamos assim o quadro resumo da categoria “Relações de Confiança”, conforme descrito abaixo.

Quadro 9: Quadro Resumo da Categoria de Análise Relações de Confiança

Categoria	Fator de risco	Manifestação	Consumo x S.O.
Relações de Confiança	Distância	Intimidade buscada	Consumo como forma de compartilhar a vida e cooperar para a S.O.
	Laços fortes	Vontade de desistir	
	Tempo	Fazer novos laços	

Fonte: Elaborado pela autora.

4.6 MERCADO GLOBAL

Quando a cultura global e local se misturam, o acesso a uma cultura global passa tanto pela manutenção da cultura de origem quanto pela absorção da cultura do país de destino. Não há, no entanto, uma medida certa para isso - a adaptação ocorre sem um padrão, tanto para manutenção quanto para o cruzamento de culturas, passando também pela adaptação mais difícil e aquela que não teve grandes problemas, - conforme os relatos verificados nas entrevistas realizadas.

Fizemos aqui uma análise por categorias a posteriori surgidas na interpretação dos dados coletados no campo, codificando as unidades de registro, ressaltando os aspectos concebidos como diferentes. Foram analisadas dentro da categoria mercado global, três categorias a posteriori: desencaixe, preferência pelo consumo na cultura origem, no caso o consumo brasileiro, e a preferência pelo consumo local, facilitado pelo acesso, o consumo diferenciado.

4.6.1 Desencaixe

O desencaixe é ocasionado pela alteração no referencial de segurança ontológica do sujeito nas práticas da vida diária, quando ocorre a necessidade de uma reestruturação e o sujeito não tem total confiança nesse novo projeto de vida, provocando o estranhamento e um processo que exigirá maior capacidade de adaptação ao local e/ou às novas rotinas.

Achamos importante destacar que, nitidamente, o processo de desencaixe ocorreu relacionado ao lugar e quando as suas escolhas de plano de vida sofreram uma interferência, traço este caracterizado por Giddens (1991), como um fator que afeta a segurança ontológica, conforme verificado nos trechos da entrevista abaixo.

O desencaixe da expatriada no relato abaixo foi provocado pela mudança de local por ocasião do deslocamento profissional de seu marido em um momento em que já havia sido criada uma rotina e adaptação no país anterior. Sendo o desencaixe o ataque à segurança ontológica, entendemos também que o consumo de referência foi a forma encontrada para colaborar na adaptação e segurança ontológica.

Como era fronteira com a França, eu ia fazer compras na França, eu pegava o carro e ia para o lado francês fazer compras porque eu não encontrava prazer algum nos supermercados alemães, então pra mim, foi um choque.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

Nos relatos desta expatriada foi verificado que o desencaixe também pode ocorrer no processo de repatriação. Diante do tempo de expatriação, que foram 18 anos, e o choque cultural e social entre os dois países, a expatriada passou novamente por dois momentos difíceis na readaptação ao seu país de origem. Seguem dois relatos da mesma expatriada, configurando o desencaixe.

A segurança que a França oferece é até muito maior do que a segurança que o Brasil oferece, existe um estado que provê escola, provê saúde, de excelente qualidade, aqui nós estamos tendo despesas com escola e despesas altíssimas com saúde privada, sendo que na França nós poderíamos estar desfrutando disso sem ter esse gasto, o que cria um rombo no orçamento familiar.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

A mesma expatriada, relatou o tipo de manifestação na segurança ontológica de sua filha, porque ela trouxe o sotaque do país que viveu por mais tempo até retornar para o Brasil, sofrendo um certo preconceito na escola.

Tanto que ela sofreu muito quando chegou aqui no Brasil, porque ela era estudante global, para poder trabalhar em qualquer lugar do mundo e chegou aqui sofrendo *bullying* porque não escrevia perfeitamente o português e pela forma de falar, influenciada por uma outra língua.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

Segue o quadro resumo da categoria de análise “Desencaixe”, para fechar o nosso entendimento.

Quadro 10 – Quadro Resumo da Categoria Mercado Global (Desencaixe)

Categoria	Fator de risco	Manifestação	Consumo x S.O.
Mercado Global (desencaixe)	Serviços oferecidos	Estranhamento	Consumo de referência
	Choque cultural/social	Insatisfação	Consumo oneroso gerando insegurança

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

4.6.2 Preferência pelo consumo brasileiro

Segundo Giddens (1991), o local e o global se tornaram entrelaçados. Sentimentos de ligação íntima ou identificação com lugares podem persistir, mas eles mesmos estão desencaixados: não expressam somente práticas e envolvimento localmente situados, mas também salpicados de influências mais distantes. Podendo a menor das lojas da vizinhança, por exemplo, obter suas mercadorias de inúmeras partes do mundo.

Nos relatos da entrevista abaixo, podemos verificar que o consumo da comunidade brasileira foi utilizado como uma forma de facilitar a adaptação, colaborando para a segurança ontológica.

As redes sociais ajudam na aproximação de brasileiros, a gente acaba conhecendo, tem muitos grupos no *facebook* que aproximam no sentido que as mulheres marcam um café e querem uma as outras, e sem dúvida, de todos os países que nós moramos, o fato de ter brasileiros em volta ajudam sim, principalmente no processo de adaptação.

Dubai_gen_f_27

A música brasileira trouxe uma característica do que é familiar, do lugar seguro, da zona de conforto, isso foi percebido em alguns relatos de outros expatriados. Pode-se dizer que o consumo da música brasileira contribuiu para a segurança ontológica na vida do expatriado, conforme o relato deste expatriado, que continuou mantendo o hábito da música brasileira, apesar de já estar vivendo em Dubai há quatro anos.

Então você vai no *Apple Music*, baixa o seu pagode né, como eu sou do Rio, baixo alguns funks, enfim, uma mpb. eu já coloco no carro, porque estou de saco cheio de música internacional, isso é uma questão de consumo.

Dubai_gen_m_36

O consumo de artigos brasileiros que representou a continuidade num hábito, num conforto que traduziu a segurança ontológica oferecida nestas escolhas. Por mais que a expatriada tivesse acesso a um consumo diferenciado, existia a preferência pelo consumo brasileiro, o que também trazia junto com esta escolha uma significação, um símbolo.

Lógico que eu trazia uma sandália havaiana pra usar dentro de casa, por ter calefação, então eu usava sandália havaiana, também comprava um biquíni brasileiro, mas a última coisa que eu fazia era ir para a praia na Europa, mas eu tinha um traje de banho brasileiro, para não ser ridicularizada, inclusive porque os maiôs não davam para comprar.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

Em muitos relatos, percebemos a importância do consumo de comida brasileira, foi curioso como a comida remeteu a aspectos muito pessoais e familiares, esse tipo de consumo se destaca dos demais na medida em que traz a segurança ontológica pelo que é familiar. Como vimos em outros relatos, diante de todo um universo a sua volta para se adaptar, como costumes alimentares totalmente diferentes, encontrar conforto na manutenção da comida brasileira foi um caminho encontrado. No trecho abaixo, essa expatriada, apesar do pouco tempo na Inglaterra, estava muito bem adaptada, e, fez essa referência quanto ao consumo de comida brasileira.

Eu faço coisas que eu estava acostumada a fazer no Brasil, então a minha mentalidade de comida é ainda brasileira, até porque eu gosto muito do que eu cozinho que é relacionado ao meu país.

Inglaterra_gen_f_34

No relato abaixo trata-se de uma expatriada esposa de militar, que estava acostumada a fazer mudanças de domicílio, por ocasião do marido estar em missão militar. Ela ficou dois anos em Londres e a sua queixa foi em relação ao consumo de produtos alimentares e a manifestação da falta dos produtos de consumo brasileiros.

Dificuldade no início foi a alimentação, a falta do feijão, do café, essas coisas né que a gente gosta aqui e lá a gente não tem, não dispõe, mais na parte de alimentação mesmo e quando ia alguém daqui a gente pedia, ah traz feijão, traz café, essas coisas a gente pedia mesmo.

Londres_gen_f_63

Giddens (1991) nos traz que os hábitos caracterizam a segurança ontológica. As escolhas de consumo, nesse caso, estão garantindo uma habitualidade, uma continuidade na sua narrativa identitária, através da escolha do consumo do café da manhã padrão do brasileiro, conforme o trecho da entrevista abaixo.

Há uma diferença entre café da manhã brasileiro e café da manhã britânico, esse é um hábito que eu meio que transporte pra cá, porque o café da manhã britânico o *english breakfast*, que eles chamam, que é ovo, bacon, tomate, cogumelo, enfim bastante coisa, não é uma coisa muito saudável e muito normal pra gente, então eu continuo comprando pão e comendo o pão com presunto, o normal do brasileiro, o café é uma coisa que realmente eu transporte.

Inglaterra_gen_m_24

Abaixo trazemos o quadro resumo da categoria Consumo Global – da categoria a posteriori, preferência pelo consumo brasileiro.

Quadro 11 – Quadro Resumo da Categoria à Posteriori Preferência pelo Consumo Brasileiro

	Fator de risco	Manifestação	Consumo x S.O.
Consumo Global (Preferência pelo consumo brasileiro)	Aproximação uso de rede social	Relações sociais	Consumo da comunidade brasileira
	Equipamentos disponíveis (<i>Apple Music</i>)	Zona de conforto	Consumo de música brasileira
	Não identificação com o mercado	Significação	Consumo de produtos pessoais
	Adaptação	Familiaridade	Consumo de comida brasileira

Fonte: Elaborada pela autora.

A próxima análise de categoria a posteriori, chamamos de acesso a um consumo diferenciado, que define o expatriado que usou o consumo do mercado global como um artifício para facilitar a adaptação ao país e configurar um tipo de segurança ontológica na facilidade de acesso a produtos globais e na qualidade de produtos oferecidos.

4.6.3 Acesso a um consumo diferenciado

O acesso aos diferentes fluxos culturais permeia uma identidade traduzida pela adaptação, o que pode ocorrer em níveis diferentes e caracterizar um consumo diferenciado por absorção da nova cultura. Pelo acesso diferenciado, no trecho abaixo, o expatriado conseguiu manter hábitos de consumo brasileiros, sendo que adaptando, por meio do uso de produtos não brasileiros e desta forma contribuiu para sua segurança ontológica.

O legal é que com o tempo você acaba substituindo, por exemplo, você quer fazer um escondidinho, aí você precisa de um inhame, você não tem um inhame do Brasil, mas você tem o da Índia, você quer comer uma manga, então como você não tem a manga do Brasil, você tem a manga da Austrália, você vai tentando adaptar seu paladar também ao que está disponível no momento.

Dubai_gen_f_27

A adaptação ao consumo global traz características de uma identidade mais global, mais adaptada. Seria o caso deste expatriado relatado abaixo, com sete anos de experiências fora do Brasil, que prefere não consumir nada do Brasil, apesar de em relação ao consumo alimentar ele ainda revelou algumas preferências do Brasil. Analisamos que estas escolhas de consumo diferenciado, tenham sido também uma forma encontrada para facilitar a adaptação e trazer segurança ontológica.

Desde que a gente veio pra cá, a gente fez a opção, a gente escolheu as coisas realmente locais, então a gente tem quadros aqui de Dubai, a gente tem quadros em árabe, a mobília em si é normal, toda relacionada realmente a aqui, enfim é curioso, mas eu não tenho nada do Brasil, em termos de decoração"

Dubai_gen_f_27

O acesso ao consumo diferenciado associado as facilidades encontradas em outro país e a qualidade oferecida superior aos produtos brasileiros também colaboraram para a segurança ontológica. Especificamente para este expatriado, no relato abaixo, que teve dificuldade de adaptação provocada pelo não domínio total da língua, o consumo funcionou como um incentivo.

Eu descobri que tem como fazer financiamento de *iPhone* num banco, pagando 30 libras por mês, você vai ter um *iPhone 11 Pro*, pagando isso durante 24 meses, depois você pode trocar como se fosse um *leasing*.

Inglaterra_gen_m_37

O consumo mantém uma significação para o expatriado e uma manutenção de um hábito, no acesso a produtos diferenciados e pela não disponibilidade do produto brasileiro, vimos que para estes expatriados, a substituição dos produtos por um similar disponível colaborou para a segurança ontológica. O processo de adaptação passou por entender que era necessário que uma nova identidade fosse elaborada, permitindo a adaptação de novos hábitos de consumo.

O que muitas vezes eu faço, é tipo substituir um produto que eu consumia no Brasil por um produto que tem uma similaridade local, dou um exemplo do requeijão, requeijão é um produto que só teoricamente existe no Brasil, mas tem um queijo pasteurizado árabe que é muito próximo ao requeijão.

Dubai_gen_m_43

Você começa a ver o que pode ser substituído, o que pode substituir o pão de queijo, o queijo minas, o salame de porco, a mortadela, o presunto que a gente comia não é igual aqui né, a mortadela é de frango, a salsicha do cachorro quente não é de porco, é de frango, você acaba se acostumando, demora um pouquinho mas você deixa de lado um pouco comparar ao Brasil, se você ficar comparando toda hora, você acaba ficando chateado.

Dubai_gen_m_36

Caracterizado pela adoção de novas rotinas, novos hábitos foram acrescentados, outros hábitos ficaram para atrás, devido a impossibilidade de mantê-los em outro país, novas relações de confiança foram buscadas, para suprir a ausência do laço familiar, uma nova identidade foi elaborada, dentro um plano de vida adaptado ao novo contexto da expatriação. Neste processo vimos que o consumo teve um papel de destaque na busca da segurança ontológica, como se o consumo tivesse promovido as compensações.

O acesso ao consumo diferenciado, gera um conforto, você perde umas coisas, mas você ganha em outras, então a balança pesa mais para o que você ganha e não o que você perde, e de novo, tocando esse um ano de adaptação, em um ano você não pensa em salvar dinheiro, você pensa em querer matar saudade, curtir, comprar, consumir, ai depois quando você se estabelece, a poeira baixa, você mais ou menos se adapta, então pensa em fazer planejamento assim, assado.

Dubai_gen_m_36

Logo abaixo demonstramos o quadro resumo das características da categoria Mercado Global – acesso a um consumo diferenciado.

Quadro 12 – Quadro Resumo da Categoria à Posteriori - Acesso a um Consumo Diferenciado

Categoria	Fator de risco	Manifestação	Consumo x S.O.
Acesso global (acesso a um sumo diferenciado)	Adaptação	Substituição	Consumo de produtos globais colaborando para a S.O.
	Identidade	Adaptação	
	Facilidades para consumir	Adaptação	

Fonte: Elaborado pela autora.

A próxima categoria a ser analisada é a categoria chamada rotina, em que foi explorado o caráter do consumo que revela uma constância de hábitos, a sua previsibilidade, que contribui para a segurança ontológica.

4.7 ROTINA

Os hábitos de consumo revelam uma preferência, uma constância que traz sentido, da segurança às novas formas de vida, às novas narrativas, reforçando identidades, amenizando ansiedades e inseguranças trazidas por tudo que é novo, ao lugar novo, aos costumes do lugar. Segundo Giddens (1991), segurança ontológica e a rotina estão intimamente vinculadas, através da influência difusa do hábito.

A previsibilidade das rotinas (aparentemente) sem importância da vida cotidiana está profundamente envolvida com um sentimento de segurança psicológica. Quando tais rotinas sofrem alteração — por quaisquer razões — a ansiedade transborda, e mesmo aspectos muito firmemente alicerçados da personalidade do indivíduo podem ser afetados e alterados. (Giddens, 1991, p.89)

A rotina foi caracterizada no trecho abaixo desta entrevista, porém também ficou evidente a impossibilidade na manutenção dos hábitos alimentares brasileiros como um tipo de manifestação que abalava sua segurança ontológica.

A única coisa que eu acho, que efetivamente eu sinto falta, mas não é uma coisa que me deixa triste, é um pouco da comida, a comida eu sinto um pouco de falta das opções que a gente tinha no Brasil, variedade, aqui se tem muito menos variedade pra se comer do que no Brasil, mas em outras rotinas eu não sinto."

Inglaterra_gen_f_34

A rotina e as particularidades do local trouxeram conforto, colaborando para a manutenção de um hábito. O expatriado buscou ter no lugar as mesmas facilidades que ele tinha

no seu país na forma de consumir, de certo que as dificuldades em conseguir consumir um produto poderia ser atribuída a uma manifestação que abalaria a sua segurança ontológica.

Eu acredito que a gente se sente mais confortável quando a gente tem uma rotina e essa rotina não te causa transtornos, por exemplo, eu não vou colocar energia para poder conseguir uma coisa, sempre que eu precisar comprar aquilo, eu não tenho que me deslocar por muito tempo, para muito longe, para achar um mercado que venda aquele produto, que eu goste daquele produto, eu quero achar o produto perto da minha casa e que eu tenha tanta satisfação.

Canada_gen_f_45

Todo consumo caracterizou uma rotina, o paladar revelou uma característica da identidade do expatriado e as suas preferências alimentares também trouxeram sentimentos de felicidade. O expatriado sentiu falta na sua rotina de alguns hábitos brasileiros, conforme relatado aqui:

O mate e a farofa você não tem em lugar nenhum, só no Brasil, mate... tipo pô mate leão, então esse tipo de coisa você tem que pedir para pessoas quando viajam trazer para ti, a única coisa que eu sinto falta são essas duas coisas.

Dubai_gen_m_43

Verificamos que os hábitos de consumo colaboram para uma satisfação, trazem sentido. Vimos que a escolha das rotinas e a sua repetição geram um lugar seguro, experiências muito pessoais na vida do expatriado e isso nos foi revelado nos relatos, especificamente neste caso relatado abaixo, trata-se de um casal que já está vivendo como expatriado há 5 anos.

(...) mas tem coisas que eu sinto falta como, jornal nacional, eu e o meu marido , a gente tenta ainda assistir ao fantástico toda semana, talvez um jogo de futebol, que você gostaria de assistir, que você sente saudade daquela rotina de estar com teu núcleo de família e você não tem mais tanto acesso com facilidade.

Dubai_gen_f_27

Neste caso, a expatriada resignificou a sua rotina, que foi adaptada com a colaboração de toda a família, uma vez que em Londres eles não tinham empregada em casa para fazer as rotinas domésticas:

Então o marido como tinha mais habilidade que eu pra cozinha, ele passou a fazer a alimentação, ele que cozinhava e as tarefas lá foram divididas, cada cômodo da casa ficou para um filho, uma tarefa para cada um foi distribuída e outra pra mim, então cada um de nós seis tínhamos uma tarefa doméstica,

isso foi um novo hábito que tivemos que criar, porque aqui nós éramos dependentes de nossas auxiliares e lá não.

Londres_gen_f_63

No relato abaixo, vemos que o expatriado buscou manter uma rotina caracterizada por ele como um vício trazido do Brasil, a continuidade da rotina, apesar da diferença de fuso-horário certamente contribui para a sua segurança ontológica:

Além do convívio com os familiares né, amigos, eu acho que eu perdi bastante na questão do futebol, eu sou viciado em futebol, mas enfim eu consigo acompanhar aqui, porque tem uma caixinha tipo *Apple TV*, que tem todos os canais do Brasil, que passa ao vivo, então eu acompanho as partidas de futebol.

Dubai_gen_m_36

Fechando a análise da categoria, segue abaixo o quadro resumo da categoria rotina.

Quadro 13 – Quadro Resumo da Categoria Rotina

Categoria	Fator de risco	Manutenção	Consumo x S.O.
Rotina	Produtos fácil acesso	Rotina	Consumo que gera segurança ontológica
	Produtos que não são globais	Significados, experiências pessoais	
	Refazendo rotinas	adaptabilidade	

Fonte: Elaborado pela autora.

4.8 TRADIÇÃO

A última categoria a ser analisada é a categoria de tradição, que fala daquele hábito que tem mais do que o aspecto de continuidade, mas também traz significados relacionados a experiências vivenciadas em família ou com pessoas com laços fortes. Conforme visto na teoria de Giddens (1991), a tradição contribui para a manutenção da segurança ontológica, fazendo o vínculo entre passado, presente e futuro.

O hábito de consumo revelado por este expatriado nos remete a uma tradição, por ser um hábito alimentado pela família ou por laços de amizade fortes, por isso traz um significado maior e quando ele é mantido colabora para a segurança ontológica:

Eu estava conversando com a minha esposa sobre isso essa semana, que me deu vontade de comer mousse de maracujá ou de manga, que talvez até entre como um hábito que era uma sobremesa que a minha mãe costumava fazer pra mim e pra minha irmã no Brasil, de vez em sempre ela fazia, e ai me deu vontade de comer essa semana, mas está meio difícil de encontrar maracujá por aqui.

Inglaterra_gen_m_24

O trecho da entrevista abaixo, refere-se a um expatriado que não tinha religião como ponto de apoio, na sua decisão de ser um expatriado, seu ponto de apoio foram as condições que o país destino tinha para oferecer, como segurança e melhor qualidade de vida, porém ele resgatou aqui nesse relato, um hábito que envolvia a família, um hábito que teve cara de tradição.

Fora a alimentação, uma coisa de rotina que meu pai sempre me levou e se tornou um hábito pra mim, foi ir à igreja, já é uma coisa meio que natural e aqui acho que não é muito comum, mas eu continuo fazendo, tento ir na igreja toda semana, uma vez por semana, geralmente no domingo né.

Inglaterra_gen_m_24

Os hábitos de consumo alimentares participaram com uma grande fatia quando as tradições foram reveladas, o que pode ser tratado em outra pesquisa, mas verificamos nos relatos dos expatriados, que o consumo de alimentos tradicionais contribuiu para a adaptação e para a segurança ontológica do expatriado, conforme abaixo.

Acabei adaptando o feijão, algumas carnes secas e fazendo uma feijoada a minha maneira na Alemanha, tentei fazer churrasco tanto na França quanto na Alemanha, tive muita dificuldade porque o corte bovino é totalmente diferente, então você nunca vai encontrar uma peça igual, cortada de maneira igual.

França_Alemanha_EUA_gen_f_26

O expatriado trouxe na sua lembrança as marcas de consumo como referências, vimos que as marcas contribuíram para a manutenção de uma tradição, marcas que colaboraram na sua segurança ontológica quando resgatou aquilo que já era conhecido. O expatriado revelou a sua preferência em buscar a marca conhecida, apesar dos produtos que estavam sendo oferecidos não terem atendido diretamente à uma tradição do Brasil, sendo os produtos direcionados para um consumo globalizado, conforme o relato abaixo.

Tem Carrefour aqui, então você pensa “que bom!”. Tem Carrefour no Brasil também, você vai no mercado, não tem farofa, vai no mercado não tem Guaraná Antarctica, não tem queijo minas, não tem pão de queijo, para achar aquela picanha para o churrasco é difícil, sabe.

Dubai_gen_m_36

O consumo nacional trouxe características muito pessoais que passaram pelo aspecto cultural. No relato abaixo, trouxemos uma expatriada que, apesar de viver há 5 anos fora do país, não sentiu segurança em consumir algumas coisas, revelou preferências muito pessoais, o que consideramos uma tradição, algo que está envolvido com confiança, uma conquista que não foi de um dia para o outro. Essa confiança também colaborou para o sentido de segurança ontológica e trouxe um significado pessoal:

Eu sinto falta de cabelereiro, tanto que eu não corto meu cabelo, no momento ele está até um pouco grande, eu estou aguardando ir ao Brasil, por conta de não confiar nos serviços, eu já tive experiências passadas que não foram tão boas assim, então eu fico receosa, outra coisa, o consumo de biquínis, eu já tentei comprar biquínis aqui fora e não gosto do modelo, não sei, não tem a ver comigo sabe, com a minha personalidade, então é curioso, também é uma coisa que eu só gosto de comprar no Brasil, calçados também, eu gosto muito dos calçados brasileiros, acho que eles são mais confortáveis e tem mais a minha cara.

Dubai_gen_f_27

Abaixo trazemos o quadro resumo da categoria tradição, para melhor compreensão.

Quadro 14 – Quadro Resumo da Categoria Tradição

Categoria	Fator de risco	Manutenção	Consumo x S.O.
Tradição	Falta de confiança em consumir	Preferência pelo consumo de tradição	Consumo de tradição q/contribui para a S.O.
	Acesso ao consumo religioso	Continuidade da tradição	Consumo religioso representando tradição e contribuindo para a S.O.
	Acesso a um consumo não disponível	Busca do que é referência de consumo	Consumo de tradição q/contribui para a S.O.
		Nostalgia	Consumo das tradições brasileiras q/trazem significado
		Adaptação de uma tradição	Consumo de tradição q/contribui para a S.O.

Fonte: elaborada pela autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve o propósito de analisar como os expatriados brasileiros vivenciaram suas experiências, pelo ponto de vista da (in)segurança ontológica e de que forma conviveram com as inseguranças surgidas, refazendo projetos de vida, construindo novas motivações. Renovando confiança em si ou depositando essa mesma confiança fora de si, algumas vezes no país destino, outras numa crença em si ou numa religião, outras num projeto de vida idealizado para si e para sua família, mesmo que com isso, tenha sido necessário realizar alguns sacrifícios, mediados por troca de valor, substituições, como o acesso ao consumo diferenciado.

A qualidade de vida embutida nesse consumo, em produtos de qualidade com custos mais acessíveis, no ensino de qualidade para os filhos, em casas mais confortáveis, nas aquisições de sonho, como bons carros, no custo baixo para realizar viagens, turismo global, em prazeres que o consumo proporciona e de alguma forma suplanta os desejos mais íntimos, como saborear a fruta predileta do seu país, ir na padaria do bairro, estar em família, compartilhar suas intimidades com aquele amigo de infância, que não pode ser substituído por outras relações de confiança, apesar de que em alguns relatos termos visto que isso aconteceu.

A teoria de Giddens utilizada como base desta pesquisa e o conceito de segurança ontológica utilizado fundamentou e constituiu quase que 100% do que foi verificado na etapa de campo, uma vez que foram utilizadas categorias de análise a priori, permitindo verificar e validar a teoria através dos relatos dos entrevistados.

Vimos por exemplo, ocorrer o desencaixe e estranhamento, por ocasião de uma difícil adaptação ou readaptação ocorrida por força de contrato de trabalho, nos relatos de uma entrevistada, que adaptada ao país destino, escolhido inicialmente, foi viver na Alemanha acompanhando o marido e vivenciou uma nova readaptação e buscou formas de lidar com a sua (in)segurança ontológica, através do consumo, manutenção de hábitos e crenças.

A identidade com seu caráter múltiplo, surgiu em muitos relatos, quando foi necessária uma adaptação a novos cenários, novas narrativas foram construídas, interação com pessoas foram escolhidas, riscos foram compensados através de metas, apoiadas no projeto reflexivo do eu, daquilo que foi visto como o lugar de conforto, alimentando sua segurança ontológica.

Como descrito pelo expatriado, no relato trazido abaixo, uma readaptação foi sendo processada com o tempo de maturação, as identidades foram readaptadas e o consumo trouxe valor, um novo significado para o expatriado, colaborando com a sua segurança ontológica.

Você vai se adaptando, você vai conhecendo mais o país, a cultura, as oportunidades, você vai conseguindo coisas melhores e isso que vai tranquilizando e com o dia a dia também, você vai vendo que está se adaptando, que está aprendendo, que está melhorando, que você está conquistando coisas aqui, essas inseguranças vão diminuindo também.

Inglaterra_gen_m_24

Surgiram durante o campo algumas categorias de análise a posteriori, como a dificuldade com a língua estrangeira no processo de adaptação e fez todo o sentido em relação a (in)segurança ontológica, por exemplo, em alguns relatos do campo foi revelado como a confiança em si mesmo ficou abalada, o emocional, isto é, os aspectos da personalidade foram afetados pela falta de domínio da língua.

Trazendo então o objetivo específico da pesquisa, podemos dizer que um dos tipos de manifestação vivenciados pelo expatriado desfavorecendo à sua segurança ontológica foi a falta de domínio da língua estrangeira. A relação indireta surgida entre o consumo e a segurança ontológica foi observada na busca da convivência com outros brasileiros, isto é, a comunidade brasileira no país, foi uma forma encontrada para aliviar ou compensar esta insegurança, como trazido por Giddens, na busca do que é familiar na comunidade local ou na busca de relações de confiança.

Trazer ou manter alguns hábitos de consumo do seu país, também foi uma forma encontrada pelos expatriados, que buscaram familiaridade num ambiente onde o novo prevalecia, os hábitos de consumo eram diferentes, uma cultura diferente, as pessoas também eram diferentes, como relatado por uma entrevistada, até as piadas eram diferentes, sendo assim os hábitos de consumo do seu país de origem foram ressignificados como uma zona de conforto, no que já era conhecido, uma forma de lidar com a (in)segurança ontológica.

Como o foco desta pesquisa foi com expatriados brasileiros, achamos oportuno trazer um traço característico do brasileiro, reforçado por um dos expatriados pesquisados, o que

facilitou lidar com as inseguranças surgidas, por sua característica de perfil adaptável, como ilustrado abaixo num trecho de uma entrevista.

O brasileiro se adapta muito as dificuldades, o fato as vezes da gente não ter recurso, não ter um material adequado para fazer uma determinada coisa e a gente tem que adaptar esse recurso, adaptar este material, faz com que a gente tenha uma versatilidade muito grande, uma criatividade diferente do europeu ou do norte americano, eu dou o exemplo sempre que num laboratório, os europeus só usam um tipo de pepita, se não tiver aquela pepita eles não usam, o americano a mesma coisa, ele vai usar uma pepita que ele tem, quando acabar ele para de usar, e eu falo que o brasileiro vai lá, pega todas aquelas pepitas que foram descartadas, lava, esteriliza, usa todas aquelas e se não tiver ele vai dar um jeito, vai adaptar, vai pegar um saco plástico, vai furar, vai dar algum jeito, mas ele vai fazer, então assim, essa é a maior questão que eu carrego, pra você se adaptar em um país, em outro país, é levar essa questão da cultura brasileira que se adapta as dificuldades e que adapta todas as realidades pra fazer um serviço que não deixa de ter qualidade.

Dubai_gen_m_43

No blog de André Forastieri (2011), chamado Digestivo Cultural, em artigo nomeado de “A Cultura do Consenso”, nós encontramos um reforço para esse caráter adaptável do brasileiro, quando ele diz que “ sim, o brasileiro é adaptável ao extremo – para o bem e para o mal. Estimulado, provocado, informado, o brasileiro consegue lidar com complicações e inovações que dariam nó na cabeça de muito primeiro-mundista[...]”.

À vista do que foi observado no campo e respondendo ao objetivo principal da pesquisa, vimos que o consumo foi buscado muitas vezes, na intenção de compensar a experiência do novo, a falta de familiaridade, as carências trazidas em cada relato expressado, sendo o consumo relacionado com a segurança ontológica, quando o expatriado fez suas escolhas de consumo reforçando as características da sua identidade, facilitando as suas relações sociais e reproduzindo o seu plano de vida, através de uma ressignificação apoiada nos recursos sociais e materiais disponíveis, colaborando num estilo de vida significativo para o expatriado.

Esperamos que o presente trabalho possa servir para incentivar outros pesquisadores a ampliarem a compreensão a respeito de questões relacionadas à segurança ontológica e ao consumo. No processo de campo, surgiram informações que acreditamos ser relevantes para serem tratadas em pesquisas futuras, não pertencentes ao escopo desta pesquisa, como explorar a presença marcante da cultura do país de origem, no aspecto da alimentação no processo de adaptação do expatriado.

Outros itens que podem ser estudados em outras pesquisas seriam também: A segurança ontológica e o consumo de estrangeiros no Brasil, os tipos de consumo e suas relações com a segurança ontológica, o aprofundamento do entendimento das formas de expressão não tão objetivas de consumo, como o consumo de religião ou o nacionalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, B. G., VAN DE VIJVER, F. J. R. The many faces of expatriate identity. **International Journal of Intercultural Relations**, v.49, p.322-31, 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. Tradução: Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro

BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. ZAHAR, 2004. ISBN 9788571108134 Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=qPn_PcnZR88C>. acesso em 05/07/18.

BAUMAN, Z. **Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005. ISBN 9788537807736 Disponível em < <https://books.google.com.br/books?id=qOov0K59CtgC>> acesso em 04/05/18

BAUER, M. W., GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Editora Vozes, 2003. ISBN 9788532656193. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=tR46DwAAQBAJ>> acesso em 03/07/18.

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: Confrontos e Avanços**. Cortez, 2000. ISBN 9788524907586. Disponível em < <https://books.google.com.br/books?id=71jEAAAACAAJ>> acesso em 18/08/18

CAMPBELL, C. GAMA, M. **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno**. Editora Rocco, 2001. ISBN 9788532512789. Disponível em < [m.br/books/about/A_Ética_Romântica_e_o_Espírito_do_Con.html?id=wwv1ZwEACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/A_Ética_Romântica_e_o_Espírito_do_Con.html?id=wwv1ZwEACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y)> acesso em 10/08/18

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 1999. ISBN 9788585781019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=5o1VAAAAMAAJ>. acesso em 04/06/18

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. ISBN 9788572446471. Disponível em:< <https://books.google.com.br/books?id=07qiZwEACAAJ>> acesso em 11/06/18

DELLAGNELO, E. H. L., & Silva, R. C. Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa na administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Administração: Teoria e Prática** (pp. 97-118). Rio de Janeiro: FGV, 2005.

DETIENNE, M.; SCHEIBE, F. **A Identidade nacional, um enigma**. Belo Horizonte: autêntica editora, 2013. ISBN 9788582171257. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=fxCdCgAAQBAJ>> acesso em 23/04/18.

FORASTIERI, A. **A Cultura do Consenso**. blog Digestivo Cultural, 2011. Disponível em: https://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=430&titulo=A_Cultura_do_Consenso> acesso em 15/06/2020.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2002. ISBN 85.3780.878.8.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. ISBN 85.7139.022.5.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. WMF Martins Fontes, 3ª edição: 2009. ISBN 85.7827.068.1.

GOUVEIA, T. N. M. D. O. A. **Corporeidade e Segurança Ontológica no Contexto Padronizador do Mercado**. 2013. (Doutorado). ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS (EBAPE), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

GRINSTEIN A.; WATHIEU L. Happily (mal)adjusted: Cosmopolitan identity and expatriate adjustment. **International Journal of Research in Marketing**, v. 29, p. 337-345, 2012. Disponível em: < <https://ideas.repec.org/a/eee/ijrema/v29y2012i4p337-345.html>>. acesso em 20/05/2019.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. ISBN 9788574904023. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=4TcuzSIYB9cC> >. acesso em 15/04/19.

JENKINS, R. **Identidade Social**. Terceira edição Routledge:Taylor & Francis group, 2008.

LARAIA, R. D. B. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. ISBN 8571104389.

MCCRACKEN, G. **Cultura & Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MINAYO, M.C.S., **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias**. Revista Pesquisa qualitativa, v.5, p.12. 2017. Disponível em < <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59>> acesso em 14/06/18

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **V Conferência Brasileiros no Mundo – elaboração**, 2016.

OLIVEIRA, J.A.; GONZALÉS, J.M.R., **Perspectivas Teóricas sobre a Adaptação do Expatriado: uma Abordagem Multidimensional**. EnANPAD 2011 – XXXV Encontro do ANPAD. Disponível em <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GPR130.pdf>>. acesso em 11/05/18.

OSWALD, L. R. **Culture swapping: consumption and the ethnogenesis of middle-class haitian immigrants**. Journal of Consumer Research, v.25, p.303-318, 1999.

PUSTRELO, A.D., **Confiança e Segurança Ontológica na Sociedade de Risco**. Revista do Laboratório de Estudos de Violência da UNESP/Marília. 2011. ed.7-Junho/2011

SLATER, D. **Cultura do Consumo & Modernidade**. São Paulo: Nobel, 2001.

THOMPSON, C. J.; TAMBYAH, S. K. Trying to Be Cosmopolitan. **Journal of Consumer Research**, v. 26, n. 4, p. 214-41, 1999. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Craig_Thompson3/publication/24099030_Trying_to_Be_Cosmopolitan/links/53dfbf830cf2a768e49bcedc/Trying-to-Be-Cosmopolitan.pdf> acesso em 11/04/2019

VINUTO, J. **A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa.** Disponível em <<https://www.semanticscholar.org/paper/A-AMOSTRAGEM-EM-BOLA-DE-NEVE-NA-PESQUISA-UM-DEBATE-Vinuto/cd8e3ecb215bf9ea6468624149a343f8a1fa8456>>acesso em 04.02.20.

ANEXO A

**Protocolo de Entrevista**

Meu nome é Ana Luisa Menna Barreto Amil, sou aluna de mestrado em administração pela Universidade UniGranrio, do Rio de Janeiro. Estou elaborando uma pesquisa sobre comportamento de consumo em expatriados, orientada pelo Professor Doutor João Felipe Rammelt Sauerbronn, que pode ser contatado pelo email joao.sauerbronn@gmail.com, se houver alguma dúvida.

Agradeço a sua disponibilidade para participar desta pesquisa. Antes de começarmos a entrevista, eu gostaria de deixar alguns pontos bem claros:

Sua participação é totalmente voluntária;

Você está livre para se recusar a responder a qualquer pergunta;

Você está livre para abandonar a entrevista a qualquer momento;

Esta entrevista é de caráter totalmente confidencial e só estará disponível para o grupo de pesquisa;

Trechos desta entrevista, poderão fazer parte do relatório final desta pesquisa, mas seu nome ou qualquer característica que o identifique diretamente não serão revelados sob qualquer circunstância.

Posso ser contatada pelo email: anabarretoamil@gmail.com ou através do meu *whatsapp* +55 21 996837161.

Eu gostaria que você me uma mensagem confirmando que leu este conteúdo deste protocolo de entrevista.

Se desejar receber o relatório de pesquisa deste projeto, por favor acrescente seu email.

Obrigada

ANEXO B
ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Primeira Parte – Perguntas Pessoais

Iniciar esclarecendo que os dados pessoais não serão usados para identificação do entrevistado

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Tem filhos? Quantos? Sexo e idades

Convívio com familiares

Tem Pais, Mãe ou irmãos (quando se mudou)?

Padrão de moradia – onde morou ao longo do tempo

Formação

Segunda Parte - NARRATIVA IDENTITÁRIA

1) Me fale a respeito de sua(s) experiência(s) profissional(is) fora do seu país de origem

1.2 Como tomou a decisão de ir?

1.3 você teve a possibilidade de escolher para onde ia?

1.3.1 como escolheu?

1.3.2 como foi ter que ir para outro lugar?

1.4 Como sua família lidou com isso? Como você lidou com a mudança junto à sua família?

1.5 Como ficaram seus relacionamentos pessoais/profissionais etc

1.6 Como você se sentiu tendo que ir para outro país?

1.6.1 Se sentiu confiante? Por quê?

Questão Extra: Há algo que você consuma que te deixe confiante?

CRENÇAS

2) Como essa mudança se relaciona à sua visão de mundo?

2.1 Como você relaciona a mudança a o que você acredita? O que te impulsionou a fazer essa mudança? (obs.: talvez você tenha que observar mais atentamente as respostas dadas e explorar com outras perguntas mais específicas)

2.2 Me fale a respeito do que acredita com relação a si mesmo.

2.2.1 Como você acha que essa mudança/as mudanças se relaciona(m) à sua crença em si mesmo?

2.2.2 Com sua crença na organização?

2.2.3 Com sua crença no país (que o recebeu)?

2.3 Você tem alguma religião?

2.3.1 Você acha que essa religião está relacionada de alguma forma à sua experiência fora do país?

Questão extra: Há algo que você consuma que esteja relacionado às suas crenças?

TRADIÇÃO

3) Tradições em rotinas ou hábitos de consumo são importantes para você? (obs.: pode ser necessário explorar mais as respostas que os respondentes oferecerem – “porque?” “Como foi?” “De que forma aconteceu?” Podem ser interessantes aqui)

3.1 Você manteve rotinas que possam ter caracterizado uma continuidade para você?

3.1.1 O que pode ter facilitado?

ROTINA

4) Como você caracteriza as rotinas na sua vida?

5) No novo modo de vida, em outro país, rotinas antigas tiveram lugar?

5.1 Como você lidou com isso?

5.2 Você sentiu falta de alguma rotina?

5.2.1 Sentiu falta das coisas/hábitos/experiências que eram comuns/naturais/previsíveis para você?

Questão extra: Há algo que você consuma que esteja relacionado à sua rotina? A o que você está acostumado a fazer/viver?

MERCADO GLOBAL DE ESTILOS E LUGARES

6) Nos países que você já esteve, havia oferta de lugares ou serviços que de alguma forma poderiam se relacionar ao seu país de origem?

6.1) Shopping centers?

6.2) Serviços?

6.3) E lugares frequentados por pessoas da sua nacionalidade?

6.3.1) Você buscou isso?

RELAÇÕES DE CONFIANÇA

7) Me fale o quanto as relações pessoais são importantes para você

8) Houve problemas por conta do deslocamento? Como você resolveu a questão das relações pessoais?

8.1) Laços familiares, como você resolveu?

8.2) E as relações de confiança?

8.2.1) Manteve amigos?

8.2.2) Fez novos amigos?

8.3) Você confia nas pessoas? O que é necessário para você confiar em alguém? O aspecto de confiança nas relações, como foi?

Questão extra: há alguma relação entre o que você consome e sua confiança (na vida/no mundo/no local)?

ORIENTAÇÃO PARA O FUTURO

9) Planejar o futuro tem significado para você?

10) Você se considera uma pessoa focada no presente ou no futuro?

11) Você planeja/planejou sua vida? Você tem planos para sua vida? Como faz isso? Isso é importante para você? por quê?

11.1) Houve algum obstáculo no seu plano de vida? Que tipo de insegurança interferiu no seu plano?

Questão extra: Seus planos estão relacionados a consumo? Consumir te faz pensar no futuro? Futuro te faz pensar a respeito do consumo?

ADAPTAÇÃO AO RISCO

12) Você pensou em riscos antes de ir?

12.1) Como você se vê em relação a riscos?

12.1.2) riscos inerentes ao lugar

12.1.3) riscos inerentes à profissão

12.1.4) riscos inerentes à sua personalidade

12.2) Encontrou formas de lidar no caso de existirem?

Questão extra: consumo está relacionado à sua percepção de riscos?

Terceira Parte - Fechamento

13) Você gostaria de falar mais alguma coisa a respeito de sua experiência como expatriado?

14) Você tem alguma dúvida com relação à essa pesquisa?

15) Há algo que você queira saber, que eu possa responder (com relação à pesquisa)